

Capítulo 1

Formas de expressão do corpo

A obscenidade é complexa e suas dimensões são vistas em marcas enunciativas que estão circunscritas a cada vivência social em sua historicidade. Não se trata apenas de uma dificuldade em definir o erótico, mas de perceber que cada expressão do corpo tem sentido diferente dependendo do lugar e do tempo em que são experimentadas.

Um caso infame, ocorrido em 1997, com o ator britânico Hugh Grant, é singular no que ele nos revela sobre as especificidades das práticas relacionadas ao corpo e aos sentimentos. Transformado em um personagem de um *fait divers*¹ sexual, o ator foi condenado pela imprensa americana e britânica por ter sido pego em uma via pública com uma prostituta que lhe fazia sexo oral. Na França, segundo o jornalista de *France-Soir*, isso teria divertido a todos os presentes.² Ou seja, mesmo entre contemporâneos, as práticas podem assumir significados ou ressonâncias sociais diversas.

No século XIX, Émile Zola entendia haver entre seus textos naturalistas e os romances de Sade diferenças marcantes, pois sua escrita era “crua e terrível”,

¹ Segundo o *Le petit Larousse illustré 2000*, trata-se de uma rubrica, um gênero de escrita jornalística que apresenta notícias sem importância geral por se referir apenas a fatos cotidianos, normalmente acidentes, crimes etc.

² PAUVERT, J.-J. *L'amour à la française ou l'exception étrange*, p.17.

faltando-lhe o “riso” e a “fantasia galante da grosseria” do autor de *Justine*.³ Já Ambroise Macobre, em seu glossário intitulado *La flore pornographique*, afirmava que “nossos pornógrafos modernos inventaram apenas palavras”, o que resultou haver entre eles e “a obra corajosa, robusta e franca de Rabelais (...) a mesma diferença que há entre rio e esgoto”.⁴

Assim, parece-nos necessário iniciar uma aproximação do regime discursivo obsceno, buscando precisar um pouco melhor as nuances das práticas históricas relacionadas ao erotismo, à pornografia e à libertinagem, conforme vivenciadas na França.

1.

A palavra *erótico* aparece no *Dictionnaire de l'Académie Française*, em 1878, com função morfológica adjetiva para indicar aquilo que se relaciona ao amor ou que procede dele. Poemas ou versos amorosos podiam assim ser tratados como eróticos, embora nem tudo que fosse erótico tivesse equivalência para ser visto como amoroso, já que o dicionário associa ao conceito de erótico a *érotomanie*, um termo médico para designar um tipo delírio.⁵

Um século antes, Diderot e D'Alembert também apontaram, na *Encyclopédie*, o erotismo a partir dessa mesma dupla relação: uma resultante do amor e outra do saber médico. O verbete *erótico* (aqui também tem função adjetiva) foi apresentado, primeiro, a partir das referências às canções de ode Anacreonte, cujo amor e galanteria fornecem-lhes o conteúdo, e depois pela ideia do amor sexual. Nesse caso, aplica-se ao delírio advindo do desregramento

³ PAUVERT, J.-J., *La littérature érotique*, p.98.

⁴ MACROBE, Ambroise. *La flore pornographique*, glossaire de l'école naturaliste, extrait des œuvres de M. Émile Zola et de ses disciples. Paris: Doublezevir Éditeur, 1885. p.18-19.

⁵ ÉROTIQUE (verbe). *Dictionnaire de l'Académie Française*, 1878.

causado pelo excesso de apetite corporal que faz o objeto da paixão ser visto como um bem soberano e leva o amante ao desejo de unir-se ardentemente ao amado. Trata-se de uma espécie de afecção melancólica que corresponde a uma doença de diversos graus delirantes, que segundo Willis ou Sennert são denominadas, respectivamente, erotomania ou amor *infanus*.⁶

Por sua vez, também na *Encyclopédie*, a melancolia é definida a partir de quatro situações distintas. Primeiramente, refere-se à “economia animal” segundo a qual ela é “a menos ativa e a mais suscetível das acidezes de todos os nossos humores”. Diz-se ainda que, para os antigos, estava ligada ao temperamento frio e seco.⁷ A segunda definição refere-se ao sentimento habitual da imperfeição humana, opondo-se à alegria do contentamento consigo. Neste caso, ela tanto se relaciona à reflexão sobre si mesmo quanto ao problema das paixões. “A *melancolia* não é inimiga da voluptuosidade; ela se presta às ilusões do amor e deixa favorecer os prazeres delicados da alma e dos sentidos”.⁸ A terceira enunciação do verbete poderia aparecer, de forma ambígua, apresentando-se como uma força antagônica à anterior por indicar um sentido teológico ao conceito. A denominada melancolia religiosa é, entretanto, apresentada como uma “tristeza nascida da falsa ideia que a religião proscree aos prazeres inocentes”. Trata-se de um sentimento de “doença do corpo e do espírito, provinda do desarranjo da máquina, de crenças quiméricas e supersticiosas, de escrúpulos mal-fundados e de

⁶ ÉROTIQUE (verbe). In DIDEROT ; D’ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome XII, p.942-944.

⁷ “MÉLANCOLIE, s. f. (*Economie animale*.) c’est la plus grossière, la moins active & la plus susceptible d’acidité de toutes nos humeurs. Voyez HUMEUR. La *mélancolie* étoit, selon les anciens, froide & seche; elle formoit le tempérament froid & sec. Voyez TEMPÉRAMENT.” In *Ibidem*, tome XXI, p.432.

⁸ “La *mélancolie* n’est point ennemi de la volupté; elle se prête aux illusions de l’amour, & laisse favoriser les plaisirs délicats de l’ame & des sens.” In *Ibidem*, tome XXI, p.432.

falsas ideias que se faz da religião”.⁹ Por último, a melancolia é relacionada ao saber médico, num vínculo com a teoria hipocrática da bile negra e, por isso, diversa de outros delírios. Ela se manifestaria a partir da saudade do país, do fanatismo e das pretensas possessões demoníacas, sendo-lhe causas as tristezas, o sofrimento, a paixão e, principalmente, o amor insatisfeito.¹⁰

A inscrição do universo erótico, conforme feita pelos enciclopedistas, nesta articulação com a melancolia, comportava a crítica ao universo místico, ainda presente na sociedade moderna, e estabelecia um sentido ordenador da esfera moral, já que timidamente explicita a emergência de um sujeito desejan- te. Alinhava-se ainda, mesmo que ambigualmente, à clínica emergente que, principalmente na primeira metade do século XIX, buscava relacionar as patologias mentais com alterações fisiológicas e anatômicas: a dissecação de cadáveres mortos em decorrência dessa doença não revelou “nenhum vício sensível no cérebro”; todas as alterações encontradas estavam “sempre no baixo ventre e sobretudo nos hipocôndrios”.¹¹

Essa articulação plural do erotismo com a temática do amor e da patologia, entretanto, não foi uma invenção do século XVIII. Desde a Antiguidade, com o aforismo de Hipócrates, essa tópica foi discutida tanto pela ótica clínica quanto

⁹ “MÉLANCOLIE RELIGIEUSE, (*Théol.*) tristesse née de la fausse idée que la religion proscri- t les plaisirs innocens (...) Cette tristesse est tout ensemble une maladie du corps & de l’esprit, qui procede du dérangement de la machine, de craintes chimériques & superstitieuses, de scrupules mal-fondés & de fausses idées qu’on se fait de la religion”. In DIDEROT ; D’ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome XXI, p.432.

¹⁰ Cf. MÉLANCOLIE, s. f. (*medicine*). In *Ibidem*, tome XXI, p.433-437.

¹¹ “Les ouvertures des cadavers des personnes mortes de cette maladie, ne présentent aucun vice sensible dans le cerveau auquel on puisse l’attribuer; tout le derangement s’observe Presque toujours dans le bas-ventre, & sur-tout dans les hypocondres, dans la region épigastrique; le foie, la rate, l’utérus paroissent principalement affectés”. MÉLANCOLIE, s. f. (*medicine*). In *Idem*. *Ibidem*, tome XXI, p.434. Conforme discutiremos adiante, a percepção fisiológica dos afetos corresponde a uma tentativa importante da medicina positivista e os limites de seu caráter explicativo ajudaram no redimensionamento da clínica e da tópica erótica.

pela filosófica, restando como problema definir se a bile negra causaria angústia e tristeza, ou seriam esses sentimentos as fontes da produção desse humor.¹²

No Renascimento, o tema da melancolia tanto passou a ser um traço comum da sociedade europeia quanto, a partir do século XVII, dividia-a entre os que, como os ingleses, associavam-na à genialidade ou à loucura (conforme o grau do humor melancólico), ou como foi o caso exemplar dos franceses, para os quais o descontrole deveria ser percebido apenas nas dimensões estéticas. Segundo Fumaroli, a França clássica constituiu a noção do gênio em oposição à tópica que identificava melancolia e uma possível criatividade. Por meio dessa recusa em se deixar fascinar pelo irracional, pela paixão e pela loucura, a França engendrou uma relação de afastamento do universo melancólico, pelo menos em sua face extravagante, inconstante e dramática.

O médico Jacques Ferrand defendia, no começo do século XVII, que as diferenças próprias à melancolia eróticas eram derivadas da compleição de cada um, ao mesmo tempo em que existiam interferências culturais oriundas da diversidade das regiões e climas: os orientais são sem medida e discrição na luxúria; os ocidentais, industriosos em seus cuidados; os meridionais amam com impaciência, força e fúria; por fim, os setentrionais são difíceis de apaixonar. No caso da França, sua posição mediana permitiria a produção de um bom amante, honesto, sensível. O francês, para o tratadista, dissimularia amando e amaria com prazer até as que não possuem beleza. Se sábio, tornava-se louco. Em tudo isso, no entanto, estaria situado entre o espanhol, em seu calor e exagero, e o alemão, frio e impositivo em suas regras.¹³

¹² Cf. PIGEAUD, J. Trois maladies sur la longue durée, *Histoire, économie et société*, p.502 et seq.

¹³ FERRAND, J. *De la maladie d'amour ou mélancholie érotique. Discours curieux qui enseigne à cognoitre l'essence, les causes, les signes et les remedes de ce mal fantastique*, p.24 e 73 et seq.

Há, segundo Fumaroli, uma interferência da leitura de Cícero na composição do pensamento de Ferrand e da tópica melancólica francesa clássica. A oposição entre Sêneca e Cícero, como dois dos pensadores retomados no começo da Idade Moderna, foi fundamental para a composição da tópica da melancolia e sua divergência entre as culturas inglesa e francesa. A noção de superação da dor e da melancolia pelo uso de sua criatividade como terapêutica presente em Sêneca foi recuperada pelos ingleses e, em diversos aspectos, pelos espanhóis, ajudando na composição da matriz moderna dos conflitos apresentados por Shakespeare e Cervantes. Já em Cícero, cuja leitura teve grande repercussão junto aos jesuítas franceses, o destaque seria dado à manutenção da razão em oposição ao excesso e ao desequilíbrio dos afetos, dentre eles o melancólico. A negação da tristeza e a busca do equilíbrio teria sido o contraponto francês e o antídoto aos excessos da falta de razão melancólica.

Higman, por sua vez, compreende que o cartesianismo, por sua lógica demonstrativa e linear, teria ajudado a compor uma forma de expressão em que a o mistério da razão seria buscado a partir de si mesmo. Ao perceber a filosofia cartesiana em esferas e instituições sociais, o autor tanto aponta os vínculos genéticos e sociais do pensamento filosófico de Descartes, quanto percebe a dinâmica linguística clássica. O paradoxo é a identificação de uma argumentação mais tortuosa no filósofo que defendia a linearidade e simplicidade da investigação e demonstração, em oposição ao discurso literário francês, mais simples, ou como ironizaria Higman, mais cartesiano que Descartes.¹⁴

Durante a era clássica, entretanto, ganhou força também uma doutrina patológica de estudo das doenças melancólicas em consonância com as

¹⁴ Cf. FUMAROLI, M. *La diplomatie de l'esprit*, p.438-439. HIGMAN, F. M. De Calvin à Descartes: la création de la langue classique, *Bulletin de l'Association d'étude sur l'humanisme, la réforme et la renaissance*, p.05-18.

cosmogonias antigas, como afirmam Baltrusaitis e Garin.¹⁵ Tanto se podia assistir a uma composição racionalizada num viés clássico e universalista do discurso melancólico, quanto a um diálogo com saberes tidos como mais obscuros. Assim, não é excepcional encontrar afirmações como a de Du Laurens, médico e chanceler da universidade de Montpellier, que, em 1597, estabeleceu um paralelo entre o lobo e o homem. Para ele, o homem era “um animal divino e político” enquanto o licanthropo, “um animal selvagem, assustadiço, solitário, inimigo do Sol, isto é, do próprio rei, imagem de Deus”.¹⁶ O pintor e tratadista italiano Paolo Lomazzi (1532-1538) afirmou, também, em tratado sobre proporção, que a simetria do mundo era prova da perfeição da obra criada por Deus. Ele completava esse argumento dizendo que os quatro elementos compõem o corpo e que a medida das coisas é retirada do padrão humano¹⁷, o que, segundo entendemos, promove, por artifício, a extensão do homem às coisas. Já Rubens (1577-1640), importante pintor flamenco, afirmava que as criaturas humanas, afastando-se progressivamente do padrão original divino, mudaram de formas e de caráter, tomando “diversas partes do leão, do touro e do cavalo, que sobrepujam todos os outros animais pela força, coragem e grandeza do corpo”. Suas anotações, publicadas pela primeira vez em Paris, em 1773, com o título *Théorie de la figure humaine*, continham referências à semelhança de Júlio César com o cavalo e explicitavam que “o homem [é] composto dos elementos do universo, participa de todos os animais”. Além disso, Rubens entendia que, no caso dos homens perfeitos — o que não é a regra —, a mistura dos elementos

¹⁵ Cf. BALTRUSAITIS, J. *Aberrações*; GARIN, E. *O zodiaco da vida*.

¹⁶ Apud BALTRUSAITIS, J. op. cit., p.31.

¹⁷ “Ces grandes proportions harmoniques que Lomazze fait trouver dans le corps humain par les nombres & les tons de la musique, témoignent la parfaite symmétrie de ce petit monde; c'est pourquoi l'homme est dit le plus parfait oeuvre de la nature, l'image du Créateur, & le Roi des animaux, qui contient dedans soi les quatre éléments. (...) De plus, les navires, barques, galeres, & semblables, sont tires du corps humains, à l'exemple de l'arche du Noé”. Apud JOMBERT, C.-A. Avertissement du libraire. In RUBENS, P.-P. *Théorie de la figure humaine*, 1773, p.VII-VIII.

dava-se com tal medida que o resultado era não predominar qualquer animal ou elemento sobre outro.¹⁸

Na virada do século XVIII para o século XIX Baltrusaitis identifica ainda um recrudescimento dos estudos de fisiognomia.¹⁹ Tanto os estudos das paixões presentes no fim do século XVII e durante o século XVIII, quanto a recuperação da imaginária gótica medieval — e suas imagens de homens e animais —, revisitadas sob uma nova perspectiva — a da antropologia moderna e da nova concepção do homem — haviam preparado uma revisão desse saber, pondo-o novamente a uso corriqueiro. Baudelaire, Balzac e Zola utilizaram, a partir dessa tópica, vários elementos antropomórficos e zoomórficos para descrever seus personagens, em consonância com debates também travados nos meios intelectuais e vinculados ao entendimento do processo evolutivo, constitutivo ou psicológico humano.²⁰

Porém, entendemos ser equivocado identificar esse traço como forma hegemônica ou única de compreensão do homem no começo do século XIX. Se por um lado, tratava-se de um movimento que aponta para as contradições do próprio Iluminismo, numa demonstração de suas brechas e oscilações entre a

¹⁸ “Alors [les autres creatures ou les hommes] changeant de forme & de caractère, elles ont emprunté diverses parties du lion, du taureau, & du cheval, qui surpassent tous les autres animaux par la force, le courage, & la grandeur du corps. Les exemples qui suivent démontreront le rapport que la figure de l’homme peut avoir avec ces animaux.”; “Le visage de l’homme tient beaucoup de la tête du cheval, cette semblance est visible dans la tête de Jules Cesar...”; “On voit sur la planche VI, que l’homme composé des éléments de l’univers, participe de tous les animaux; mais les traits qui en dérivent sont si bien ménagés & tellement disposés qu’on ne peut les distinguer, comme on vient de le dire. Cela se trouve ainsi dans l’homme parfait, en général; mais dans le particulier il y a toujours pour chaque homme quelqu’animal dont la ressemblance domine en lui, & qui influe sur son caractère.” RUBENS, P.-P. *Théorie de la figure humaine*, 1773, p.09 et seq. Destacamos que o editor comprou o manuscrito em 1772 e fez pessoalmente a tradução do texto, embora já constasse uma para o francês no maço. Contudo, ele adverte ter suprimido dois capítulos de princípios de cabalísticos — um sobre as propriedades dos números aplicadas à química e outro sobre a origem hermafrodita do primeiro homem e sua divisão posterior em dois sexos —, por tê-los considerados “estranhos ao assunto principal, além de serem inúteis e absurdos” (“étrangères au sujet principal, qu’inutiles & absurdes”). JOMBERT, C.-A. Avertissement du libraire. In *Ibidem*, 1773, p.VI.

¹⁹ Fisiognomia consiste em perceber o homem a partir de características físicas próprias a animais. A partir daí, normalmente estabelece-se uma relação de analogia entre o comportamento dos homens e dos bichos.

²⁰ Cf. BALTRUSAITIS, J. *Aberrações*, p.34 e 50.

razão e o misticismo, por outro, um corte epistemológico pode ser visto nas percepções produzidas a partir do começo do século XIX. Os textos de Pinel e Krafft-Ebing, cujos livros foram publicados, respectivamente, em 1816 e 1886, aparecem como uma novidade neste aspecto, na medida em que o saber e a experiência médica foram apresentados com distâncias enunciativas marcantes em relação aos discursos anteriormente apresentados sobre a melancolia em sua relação com o erotismo.

Mesmo que Pinel inicie sua investigação sobre a melancolia com a enumeração de diversas descrições e percepções já estabelecidas, como a panofobia, oriunda do pânico noturno; a demonomania dos selvagens; a erotomania de Linnæus, a nostalgia dos Antigos e a melancolia nervosa de Lorry, o cientista detém-se pouco neste aspecto (o que é em si mesmo uma ruptura com a retórica humanista, tão propensa em construções de tratados com demonstrações de erudição ao apresentar o tema em diversos pensadores, principalmente os antigos) para avançar sua apresentação do tema de modo a estabelecer os padrões da ocorrência clínica e de profilaxia da doença. Diferentemente da investigação feita por Ferrand (1610 e 1623) ou mesmo a presente na enciclopédia de Diderot e D’Alembert, marcadas por apresentações mais gerais, pela exposição mais detalhada e panorâmica do tema, Pinel avança o argumento apontando os possíveis motivos capazes de conduzir ao quadro doentio — falso julgamento sobre o próprio corpo, amor excessivo, crenças supersticiosas em eventos futuros etc. Conduzindo seu argumento por novos caminhos, promovia pausas na exposição do tema para inquirir sobre “a necessidade de examinar se, no estado atual de nossos conhecimentos”, devia-se admitir uma “disposição física ou moral denominada *temperamento melancólico*”. Acrescentava, ainda, que os clínicos

deveriam “procurar noções mais exatas e mais precisas nos detalhes que nos foram transmitidas pela história da vida pública e privada de certos melancólicos famosos”.²¹ Assim, o que poderia ser tomado como parte apenas de estilo pessoal de escrita, mostra-se, principalmente, como uma identidade escriturária e investigativa que estaria ajudando na composição de uma nova fórmula ou padrão investigativo do tema.

Pinel conduzia sua pesquisa a partir da lógica de análise de casos históricos, buscando raízes sociais e individuais da patologia. “Não é raro encontrar na sociedade as nuances mais fortemente pronunciadas de uma melancolia ocasionada pela alienação mental.” Nos casos de disposição primária²², a tristeza, o pânico, o excesso de prazeres e a vida sedentária seriam tomados como exemplos de fatores individuais capazes de favorecer a ocorrência do quadro clínico. Ao efetuar a investigação social, conduzia o argumento tanto na esteira das interferências da diversidade natural e sua influência na composição da sociedade, como defendida por Montesquieu no *Espírito das leis*,²³ quanto na pesquisa da biografia do paciente por entender que “o caráter próprio da melancolia consiste geralmente numa lesão das funções intelectuais e afetivas”.²⁴

A partir do século XIX, a clínica abandonou progressivamente o saber clássico, inclusive pelo entendimento da união do corpo e do espírito. Em Pinel, já

²¹ “Mais avant de considérer la mélancolie comme maladie, ne faut-il point examiner si, dans l'état actuel de nos connoissances, on doit admettre une disposition physique & moral qu'on puisse appeller *temperament mélancolique*, sur lequel le galéisme s'est montré si fecund en theories vaines? (...) nous devons chercher des notions plus exactes & plus précises dans les details que nous a transmis l'histoire sur la vie publique & privée de certains mélancoliques fameux.” PINEL, P. *Mélancolie* (verbeta). In *ENCYCLOPÉDIE méthodique. Médecine...*, 1816, tome IX, p.590.

²² Pinel usa a palavra “primitiva (*primitive*)” para se referir a esta disposição. Contudo, para evitar confusões com a noção evolutiva e seus sentidos negativos, utilizamos em nossa paráfrase o termo primário, que corresponde ao sentido dado pelo médico.

²³ Esta tópica também está presente em Jacques Ferrand. No entanto, neste tratadista e médico do século XVII, a geografia aparecia em associação com a teoria dos humores. Em Pinel, busca-se essa tópica pela resignificação que Montesquieu lhe forneceu pelo viés investigativo universalista da ciência moderna. Cf. STAROBINSKI, J. *Montesquieu*, p.17 et seq.

²⁴ “Le caractère propre de la mélancolie est de consister en général dans une lésion des fonctions intellectuelles & effectives”. PINEL, P. *Mélancolie* (verbeta). In loc. cit.

se identificava que diferentes exercícios do corpo tinham influência sobre a moral.²⁵ Dito de forma mais geral, a nova clínica participava da emergência de um dispositivo relacionado à biologia. Segundo Foucault, se no mundo clássico havia uma continuidade entre o ser e a natureza, em alguns anos na virada do século XVIII para o século XIX, transformou-se “inteiramente a espacialização fundamental do ser vivo”. Depois de Curvier, o ser vivo passou a estar localizado, internamente, em relação às coerências anatômicas e compatibilidades fisiológicas e, por seu exterior, prendeu-se aos “elementos onde ele reside para deles fazer seu corpo próprio”. Dentro e fora se uniram como condições de vida relacionadas a uma historicidade externa ao ser. Além disso, este mesmo ser passou a ser atravessado pela lógica de constituição e desfazimento, já que “o animal mantém-se nos confins da vida e da morte”.²⁶

Em Krafft-Ebing, elementos apenas esboçados por Pinel já se apresentavam mais claramente delimitados. A pesquisa e a reflexão já se denunciavam agregadoras de casos individuais, numa preocupação marcadamente pautada pela ideia de individualidade.²⁷ A escritura do médico austríaco assentou-se basicamente sobre o eixo do sujeito, ainda que o entendimento do delírio erótico fosse tomado como um mecanismo de compreensão da sociedade civilizada. Numa mescla entre o universal e o particular, Krafft-Ebing dava continuidade aos discursos do século XVIII, com fórmulas enunciativas de

²⁵ “On sent quelle influence les différens (sic.) exercices du corps ont sur le moral”. Cf. PINEL, P. *Mélancolie* (verbete). In *ENCYCLOPÉDIE méthodique. Médecine...*, 1816, tome IX, p.596.

²⁶ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*, p.378 passim.

²⁷ Segundo Freud, houve uma inflexão na concepção da prática médica por volta de 1875 em virtude da abundância e “variedade multiforme do quadro patológico”. Os pacientes queixavam-se de dores de cabeça, insuficiência de atenção, olhos doloridos durante a leitura, cansaço e dores nas pernas, que chegavam a ficar pesadas, doloridas e dormentes, sem que fossem encontrados “sinais visíveis e palpáveis do processo patológico”. Disso resultou uma necessidade de outras terapias, como a que ele desenvolveu com Breuer, utilizando a hipnose — abandonada também por volta de 1890 — como meio de cura das neuroses. Cf. FREUD, S. *Tratamento psíquico* (ou anímico), 1905. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 7, p.272.

compreensão civilização em oposição à selvageria, pelo aprofundamento do controle, do policiamento e da educação como cultivo como elementos constitutivos da comunidade política.²⁸

Em *Psychopathia sexualis*, publicado originalmente em 1886, Krafft-Ebing apresentou uma relação sumária da nomenclatura dos casos de patologia geral de ordem neurológica e psicológica, seguida de 238 casos de doentes. Os dois primeiros casos são valiosos ao nosso estudo por tratarem de delirantes eróticos. J. René, caso número um, tinha o hábito, “desde sempre”, de praticar “prazeres sensuais e sexuais, mas sempre atento ao decoro”. Isso se alterou a partir de seus 76 anos, quando houve “uma perda progressiva da inteligência e uma perversão crescente de seu moral”, com gastos excessivos de dinheiro com prostitutas e propostas de “coito a todas as mulheres que encontrava na rua”. Assim, passando a ser “publicamente detestável”, foi necessária internação manicomial, o que não resolveu o quadro clínico do paciente. Pelo contrário, ele teve sua “excitação sexual” acentuada até compor-se em “satiríase”²⁹ incurável até sua morte. O paciente “masturbava sem cessar, mesmo diante dos outros”, obtendo prazer até mesmo pela imaginação obscena. Chegava, inclusive, a pensar nos homens à sua volta como mulheres, o que levava a persegui-los com “propostas indecentes”.³⁰ Já o Sr. X, de 80 anos, apresentou durante toda a vida um caráter sensual e cínico, bem como temperamento incontrolável, tendo até

²⁸ Cf. STAROBINSKI, J. A palavra “civilização” (p.11-56). In *As máscaras da civilização*. A identificação da civilização como marcha do progresso e policiamento, bem como sua relação com enfermidades é uma temática recorrente no século XIX, sendo interessante, pela recorrência em citações o livro de Catherine Woillez: WOILLEZ, C. *Les Médecins moralistes, code philosophique et religieux extrait des écrits des médecins anciens et modernes notamment des docteurs français contemporains*, 1862.

²⁹ Excitação mórbida do apetite sexual no homem. (Cf. SATIRÍASE. HOLANDA FERREIRA, A. B. de. *Novo dicionário da língua portuguesa*.) Krafft-Ebing define satiríase e desejo acentuado como subgrupos de hiperestesia, que é a existência de uma “impressionabilidade anormalmente acentuada do impulso sexual a estímulos orgânicos, psíquicos e sensoriais”. KRAFFT-EBING, R. von. *Psychopathia sexualis*, 1886, p.07.

³⁰ Cf. KRAFFT-EBING, R. von. *Psychopathia sexualis*, 1886, p.11 (Caso 1. Delírio erótico).

mesmo confessado que, “quando jovem preferia a masturbação ao coito”. Não teve “sinais de perversão” por muito tempo, já que manteve relações com amantes e casou-se voluntariamente aos 48 anos. Mais velho iniciou comportamento violento, tornando-se “exageradamente desconfiado”. Em casos em que se lhe opunham aos desejos, passou a ter “ataques de fúria que às vezes chegava às vias de fato, quando levantava a mão inclusive contra sua esposa”. Dando sinais de “demência senil incipiente” e passando a ter “afetos por certos criados do sexo masculino”, especialmente um ajudante de jardineiro, com quem se trancava durante horas, a família retirou-lhe a autoridade e internou-lhe num asilo. O Sr. X não manifestou desejo erótico pelo sexo oposto, ainda que dividisse o quarto com a esposa. Sabe-se, por fim, da proveniência de “tara hereditária” do paciente, cujo irmão era suspeito de inversão e tinha um sobrinho louco devido ao excesso de masturbação.³¹

Em ambas as descrições, o erotismo foi associado à prática sexual. Estando ausentes ou bastante diminuídas ao delírio erótico as noções de amor, parece-nos haver um hiato na compreensão da relação erótica quando são comparadas as análises até o começo do século XVIII com as proposições feitas a partir da segunda metade do século XIX. Em 1709, Chomel apresentou a melancolia errante e alguns fatores externos ou eventos que a desencadeariam — o distanciamento do cônjuge; a infidelidade conjugal; a ausência de quem se ama ou a presença da pessoa odiada; uma grande afronta; ou ainda um desprazer

³¹ Cf. KRAFFT-EBING, R. von. *Psychopathia sexualis*, 1886, p.11 passim (Caso 2. Delírio erótico).

extremo³² —, numa demonstração de relação entre afeto e patologia erótica. Em Pinel e Krafft-Ebing já se delimitam novas enunciações, numa evidência de novo regime discursivo.

Entre 1835 e 1860, engendrou-se, na França, segundo Corbin, um novo saber sobre a sexualidade, pela conformação de um também novo discurso médico, ancorado na observação clínica. Lallemand, Roubaud, Claude Bernard e outros produziram estudos sobre a vida e sua dimensão sexual. Por meio de análises fisiológicas e pela definição de protótipos de temperamento, foram traçadas variáveis de comportamento sexual, bem como regulamentados os padrões de normalidade. Numa sociedade cada vez mais centrada no indivíduo e no controle da população, a percepção desses tipos de vida sexual era parte essencial ao atendimento dos pacientes.³³

A composição desse novo saber implicou, ainda, nas definições de sexo e sexualidade. Em 1881, no *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, o sexo é apresentado pela “presença de elementos ou unidades anatômicas diferentes, ainda que homólogas, cuja união intervém em toda reprodução ovular ou sexual”, e a sexualidade como “o conjunto de atributos fisiológicos que se

³² “Il y a des causes exterieures qui rendent melancolique, comme l’éloignement d’un mari, ou d’une femme, l’infidelité de l’un ou de l’autre, l’absence de ce que l’on aime, ou la presence de ce que l’on hait, ou un sensible affront, ou un déplaisir extreme.” MELANCHOLIE errante (verbete). CHOMEL, N. *Dictionnaire œconomique, contenant divers moyens d’augmenter et conserver son bien, et même sa santé avec plusieurs remedes assurez et éprouvez, pour un très-grand nombre de maladies, & beaucoup de beaux Secrets pour parvenir à une longue & hereuse veillesse*, 1709, tome II, p.27. Embora ele não se refira propriamente ao erotismo, a tópica da melancolia tem relação com o erótico, o que nos permite pensar a relação erotismo e amor a partir deste verbete.

³³ Cf. CORBIN, A. *L’harmonie des plasirs*, p.109 e 133 et seq. O curso de Michel Foucault de 1975-1976 tem como tema central o engendramento das novas relações sociopolíticas entre o Estado e a sociedade, a partir de lógicas de controle da população. Cf. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Para a nova clínica, mais que a doença, existia o doente, como destacou Pinel, ao se referir ao melacólico como “aquele que está possuído por uma ideia exclusiva ou por uma série particular de ideias como uma paixão dominante, mais ou menos extrema, como um estado habitual (le mélancolique est comme possédé par une idée exclusive ou une série particulière d’idées avec une passions dominante, & plus ou moins extreme, comme un état habituel)”. Cf. PINEL, P. *Mélancolie* (verbete). In *ENCYCLOPÉDIE méthodique. Médecine...*, 1816, tome IX, p.596.

relacionam entre si para aparição e a existência de sexos que coexistem com tal ou qual dos dois sexos”.³⁴

Assim, alinhados ao movimento de remodelação da medicina, o erotismo tendeu a ocupar uma posição coextensiva à ideia de vida, agora sexualizada, e à energia a ela associada.³⁵ Com isso, não estamos dizendo que houve, no decorrer do século XIX, uma exclusão do tema do amor da tópica erótica. Apenas indicamos a emergência de um novo regime discursivo atravessado por essas variáveis.

Em linhas gerais, poderíamos dizer que a compreensão do erotismo, na França, até o século XVIII manteve-se atrelada à clínica e ao amor, numa perspectiva médica, filosófica e de caráter moral. Quer pela via da teoria dos humores, quer pela via racionalista, o tema da moral interpôs-se nessa junção. A partir do século XIX, com as mudanças da clínica e da dinâmica que o saber médico manteve com a dimensão erótica da vida, rearranjou-se o entendimento da sexualidade e de outros temas próprios ao erotismo. Mesmo não se tratando de um processo homogêneo, a tendência à patologização das perversões, vistas como desvios sexuais, impôs-se. Com Freud, o quadro tendeu a modificar-se, principalmente a partir de 1905, com a publicação dos *Três ensaios sobre a sexualidade*. Desde esse texto, com a noção de sexualidade infantil e a teoria da libido, houve um progressivo entendimento de uma nova energia ou força

³⁴ “Le sexe est essentiellement caractérisé par la présence des éléments ou unités anatomiques différentes, bien qu’homologues, dont l’union intervient dans toute reproduction ovulaire ou sexuelle (...) La sexualité est l’ensemble des attributs anatomiques et physiologiques qu’entraînent avec elles l’apparition et l’existence de sexes, qui coexistent avec tel ou tel des deux sexes, le caractérisent et permettent de distinguer: 1° le male de la femelle; 2° chacun de ceux-ci des êtres asexués ou bissexués.” SEXE, sexualité, sexuels (verbe). In DECHAMBRE, Amédée (dir.). *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, 1881, série 3, tome 9, p.462-463.

³⁵ Em 1802, o uso do termo *biologia* é usado por Lamarck, na França, e Treviranus, na Alemanha, para conceituar a vida como matéria e movimento, assim como também já aparecem os indícios de imbricação entre vida e morte. Cf. CANGUILHEM, G. Vie. *Encyclopædia Universalis France* S.A.

presente nos homens, de caráter erótico. A sexualidade seria o ponto de atravessamento das representações mentais, permitindo a emergência de um sujeito descentrado, desejante. Mesmo não sendo este o ponto final de Freud sobre o assunto, sua importância foi primordial, pois constituiu uma nova tópica, revisada poucos anos depois pelo acréscimo ao homem erotizado de uma nova face pautada em pulsões divergentes e que lhe preencheriam a subjetividade.³⁶

A identidade trágica presente nessa imagem erótica da vida, conforme proposta por Freud no começo do século XX, e que já vinha se constituindo como um tema desde o fim do século XVIII, servindo para abordagens das transformações sociais e da experiência humana na modernidade, completou um movimento em que o erotismo passou a se relacionar com uma experiência estética.

Segundo Peter Szondi, com Scheelling a filosofia alemã extrapolou a preocupação com os elementos da arte trágica para pensar a ideia de tragédia, numa preocupação com o tema da liberdade dos sujeitos frente ao destino.³⁷ Lessing, Schiller, Hegel, Marx e Nietzsche, embora tivessem perspectivas diferentes sobre o trágico, pensaram-no como contradição e a partir daí, investigaram o dilema do homem: livre em sua natureza e, ao mesmo tempo, limitado (quer pelo destino, quer pelo Espírito, quer pelas contradições materiais etc.).³⁸

Esses conflitos de ordem sensíveis também foram investigados na França, em debates tanto filosóficos quanto ficcionais. Não necessariamente o tema do conflito e da sensibilidade dava-se atrelado ao trágico. Em Rousseau, em Crébilon

³⁶ Cf. FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, 1920; BIRMAN, J. *Freud & a filosofia*, p.38 et seq.

³⁷ SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*, p.24 e 31.

³⁸ Cf. FERREIRA, D. W. História e dramaturgia em O 18 Brumário (p.01-10). In *XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH, 2007*, cd-room.

Fils, em Chordelos de Laclos e em Vivant Denon pode ser observada a dualidade entre os afetos sensíveis e os sensuais, num indício de que o século XVIII conjugava a galanteria cavalheiresca e cortês com os prazeres sexuais. Em *Les égarements du cœur et de l'esprit* (1736), *Les liaisons dangereuses* (1782) e *Point de lendemain* (1777, reformulada e publicada em 1812) a ingenuidade das personagens demonstra certo desconhecimento da sociabilidade erótica da corte, já que as vítimas normalmente são jovens, iniciantes e do interior. O leitor é conduzido a observar como a civilidade ancora-se num *savoir-vivre* marcado por aparências.

Os leitores desses romances, por sua vez, identificavam-se com as cenas mais ousadas, não se importando com o caráter moralista desses textos que tendiam, no fim, à apresentação das infelicidades que cercam a vida daqueles inábeis para a prática amorosa. A acreditar em Rousseau, em suas observações preliminares de *La nouvelle Heloise*, donzelas não deveriam ler romance,³⁹ pois os leitores tendiam a se incendiar em paixões pela narrativa, como afirmavam as personagens de Restif de la Bretonne.⁴⁰ Além disso, esses livros tinham efeito de perverter o instinto, a inteligência e o sentimento. Para as mulheres, podia impactar-lhes na forma como perceberiam os homens, conduzindo-as a “desgostos inevitáveis e a um vazio que elas não deveriam razoadamente esperar sentir”,

³⁹ “Esta coletânea com seu estilo gótico convem melhor as mulheres do que os livros de filosofia. Ele pode ser útil aqueles que, numa vida desregrada, conservaram algum amor pela honestidade. Quanto às donzelas, é outra coisa. Jamais donzela leu romances, e eu pus neste um título tão claro que o abrindo sabe-se de que se trata (Ce recueil avec son gothique ton convient mieux aux femmes que les livres de philosophie. Il peut meme être utile à celles qui, dans une vie déréglée, ont conservé quelque amour pour l’honnêteté. Quant aux filles, c’est autre chose. Jamais fille chaste n’a lu de romans, et j’ai mis à celui-ci un titre assez decide pour qu’em l’ouvrant on sût à quoi s’en tenir)”. ROUSSEAU, J.-J. *La nouvelle Heloise*, 1761, p.04.

⁴⁰ “... eu vivia mais do que nunca ajuizadamente e começava a conceber que poderia habituar-se a isso. Mas o que vai mostrar o perigo de livros como *O porteiro dos cartuxos*, *Teresa filósofa*, *A religiosa de camisola* e o resto, é o erotismo súbito e terrível que eles excitaram em mim depois de uma longa abstinência!” RESTIF DE LA BRETONNE apud GOULEMOT, J.-M. *Esses livros que se lêem com uma só mão*, p.60.

como afirmou Roussel em *Système physique et moral de la Femme*, em 1775.⁴¹ Não é casual, ainda, o cuidado com que as práticas de leitura tendiam a ser apresentadas pelos manuais de civilidade e as tentativas de controle a que se buscavam submeter os jovens, principalmente as meninas, sempre mais fáceis de serem enganadas e, caso desonradas, dificilmente passíveis de recolocação social.⁴²

Já no século XIX, temas similares relacionavam-se à vivência de outras sensibilidades. Certamente não se pode tomar um caso e dele buscar generalizações pela simples afirmação de exemplaridade. Mesmo assim, parece-nos interessante a trama que envolveu o *Werther* de Goethe. Heickrmann, amigo de Goethe em seus últimos anos, conta um episódio em que o famoso escritor alemão recebe o Lord Bristol, bispo de Derby, em Iena. Apesar da cortesia de Goethe em receber o visitante, este se comportou inicialmente de modo grosseiro, dirigindo-lhe um sermão sobre *Werther* e a natureza “completamente imoral, completamente condenável” do livro. O argumento do bispo, em que pesem os valores morais, era de que “esse livro conduziu os homens ao suicídio”.⁴³ Isso é significativo, independentemente de qualquer resultado estatístico que relacione com confiança as duas variáveis — leitura do livro de Goethe e suicídio —, por apontar que, se os amores de Julie conduziam os leitores do século XVIII a pensamentos licenciosos, os de Werther eram levados à morte.

O entendimento de que a leitura de *Os sofrimentos do jovem Werther* conduziu jovens ao suicídio faz-se compreensível à medida que a condição humana passa a ser também vivida e notada esteticamente. O artista “amoroso da

⁴¹ ROUSSEL apud WOILLEZ, C. *Les médecins moralistes*, 1862, p.336.

⁴² Cf. CORBIN, A. *l'harmonie des plaisirs*; FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*.

⁴³ ERCKEMANN. *Conversations de Goethe pendant les dernières années de sa vie*, 1863, p.219-220.

vida universal” assemelha-se “a um espelho imenso dessa massa; a um calidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça transitória de todos os elementos da vida”. Por sua vez, a própria vida transmuta-se, na modernidade, em artifício, em obra de arte. “O mal se faz sem esforço, *naturalmente*, pela fatalidade; o bem é sempre um produto da arte”. Desse modo, os homens, sejam eles dândis ou cortesãos, tornam-se personagens, estetas da vida, como identificou Baudelaire em 1863.⁴⁴

À medida que a vida tendeu, principalmente a partir do século XIX, a ganhar sentidos processuais e a ser percebida por essa lógica estetizante, a relação erótica foi também, em várias instâncias, convocada a inserir-se nessa nova dinâmica. O ideal de um amor eterno e passional engendrou um sentimento erótico cujo traço foi clinicamente entendido como patológico. Como explica Leiris ao falar sobre torneio de toureiros: trata-se de um espetáculo e, concomitantemente, da vida e do erótico enquanto movimento de conexão consigo.⁴⁵ Melhor dizendo, o aprofundamento da modernidade no século XIX e no começo do século XX trouxe-nos à experiência do erotismo como experimentação da vida como forma artística. O corpo, assim, tornou-se, em consonância com o olhar que Leiris lançou às touradas, sujeitos à manifestação do sublime, mesmo que de forma múltipla, por vezes contraditória, conforme visto por escritores de ficção, filósofos, médicos ou até mesmo os simples leitores de folhetins e romances.

⁴⁴ BAUDELAIRE, C. *Le peintre de la vie moderne*, 1863, p.09 e 23.

⁴⁵ LEIRIS, M. *Miroir de la tauromachie*, p.45 et seq.

2.

Lynn Hunt afirma que a incorporação da palavra pornografia nos dicionários data do século XIX, embora o neologismo tenha sido criado, na França, na segunda metade do século anterior. Os verbetes *pornógrafo* e *pornografia* (*pornographe* e *pornographie*) apareceram no *Dictionnaire universel de la langue française*, de Boiste, edição de 1803. Trata-se de uma precedência de um pouco mais de meio século em relação à língua inglesa — em 1857, o *Oxford English Dictionary* apresentou pela primeira vez esse termo e seus derivados, *pornógrafo* e *pornográfico*⁴⁶ — e, em concordância com Corbin, vemos nisso mais um argumento em favor da impossibilidade de ver a sociedade francesa pela perspectiva da “era vitoriana”.⁴⁷

O conceito de era vitoriana, datado pelo reinado da Rainha Vitória entre 1837 a 1901, pressupõe duas ancoragens primárias: o primado da sociedade inglesa na emergência do capitalismo e o aprofundamento do processo civilizador em conformidade com a ética e padrão burgueses. Para Mario Praz, a cultura vitoriana dividia-se em dois períodos. O primeiro perdurou até 1865, revelando um processo de industrialização crescente e uma crença segura no progresso. As mudanças trazidas pelo uso do aço, o aparecimento do trem, a imponência da exposição universal de 1851, tudo anunciava uma prosperidade duradoura. A partir de 1865, iniciou-se uma nova fase, marcada pelo redimensionamento da estrutura sociopolítica inglesa, com a acentuação da prática imperialista e da economia financeira. Contudo, em meados da década de 1870, com a emergência de uma crise econômica, seguiu-se certo abalo na crença desenfreada do progresso. Manteve-se, a partir daí, um esforço de manter o sistema saudável.

⁴⁶ Cf. HUNT, L. Introdução: a obscenidade e as origens da modernidade. In *A invenção da pornografia*, p.13.

⁴⁷ Cf. CORBIN, A. *L'harmonie du plaisir*, p.10-11

Paulatinamente entendeu-se a necessidade de intervir na esfera socioeconômica, como meio de auxílio da regulação das forças do mercado.⁴⁸

Apesar dessas linhas gerais de ascensão e declínio, Praz tem como segura a compreensão de que se trata de um período com unidade. Entende ainda que o século XIX, vitoriano, compunha-se como uma fase final de um processo maior, iniciado no século XVII e relacionado à emergência da burguesia, da cultura puritana e do capitalismo. O caráter moralista da sociedade vitoriana decorreria, nesse sentido, de uma cultura marcada historicamente pelo puritanismo e das contradições produzidas no processo de laicização. Melhor dizendo, para o autor, o traço conservador inglês não devia ser compreendido como resultado apenas de vínculos originalmente religiosos, e sim como decorrência de um processo em que práticas sociais fixaram alguns costumes, mesmo com certo esvaziamento dos sentidos religiosos. Assim, a caricatura que foi a “hipocrisia burguesa” do século XIX deu-se pela coexistência de práticas sociais contraditórias, como a intensificação do controle do corpo feminino e os movimentos em prol da emancipação das mulheres; ou ainda, o burguês rico que se sentia moralmente obrigado a trabalhar, mesmo que financeiramente já pudesse pagar para que outros fizessem suas atividades.⁴⁹

Em Foucault, o conceito de regime vitoriano é visto como uma negação à simples aceitação de ver o século XIX como resultante final de um processo que veio se compondo desde o século XVII. Para o filósofo e historiador francês, é necessário discutir em que medida a hipótese repressiva, ao alinhar a moral

⁴⁸ Hobsbawm identifica, também, uma transformação social no Ocidente a partir da década de 1870. Propõe que a tensão decorrente da emergência de novas potências européias, com a formação do Estado nacional alemão e italiano, e a crise do capitalismo de 1870 seriam os elementos centrais que levariam ao fim do século XIX, de identidade essencialmente burguesa, marcado pela crença no progresso e nos valores universalistas da civilização ao molde europeu. O início da Guerra em 1914 corresponderia ao fechamento desse processo, iniciado aproximadamente em 1776. Cf. HOBSBAWN, E. J. *A era dos impérios*.

⁴⁹ PRAZ, M. *La letteratura inglese dai romantici al novecento*, p.88-91.

capitalista ao puritanismo, não teria falseado a imagem de uma sociedade ocidental reprimida. Observada uma mecânica do poder atravessada pela noção de ciência e pela prática de controle que, desde o século XIX, tanto codificou a sexualidade em padrões normativos, quanto incitou ao discurso sexual, embora mantendo-o sob o signo do segredo, questiona-se a simples imagem repressiva em prol de um desvelamento das práticas de poder.⁵⁰

O caso francês, em que pesem os sentidos conservadores e as defesas de valores morais feitas no decorrer do século XIX, tem suas especificidades que não se deixam reduzir ao conceito vitoriano. A noção de uma ruptura entre os séculos XVIII e XIX, dada pela Revolução Francesa, põe-se, inicialmente, como um ponto de referência em que tanto se busca um afastamento do passado, quanto uma reconstrução de novas práticas, inclusive no universo das sensibilidades.

Para Le Goffic, responsável pela análise do sentido moderno do verbete erótico, presente em *La grande encyclopédie*, editada entre 1886 e 1902, houve uma transformação na literatura erótica entre os séculos XVIII e o XIX. Até o século XVIII, o universo literário francês foi marcado pela poesia galante, cavalheiresca, tendo como destaque aquela produzida entre os séculos XI e XIII. Corneille, no século XVII, teria buscado renovar o tema amoroso pela composição de uma “uma ciência complicada, transcendente” do erotismo. Já o século XVIII, Voltaire, Dorat, Chaulieu, Gentil-Bernard, Florian e outros produziram “pura libertinagem ou passatempo dos rimadores”, marcando esse

⁵⁰ Cf. FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*. Peter Gay mantém a noção de era vitoriana, num duplo esforço que se liga tanto ao registro de uma identidade produzida pela própria rainha ao apresentar os laços de seu reinado com a cultura burguesa de seu século, quanto à tentativa de problematizar o conceito, tornando-o plural em seus sentidos por reconhecer a impossibilidade explicativa totalizante dessa nomenclatura. Participa, assim, dos esforços de revisão historiográficos, provavelmente produzidos sob o impacto do primeiro volume da *História da sexualidade*, de Michel Foucault, publicado pela primeira vez em 1976. Sobre esclarecimentos gerais da pesquisa sobre a era vitoriana, ver GAY, P. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud, vol. 01: a educação dos sentidos*, p.13-57.

momento com pouca “felicidade em fatos eróticos”. Somente no século XIX, os líricos deram “à paixão uma linguagem realmente apropriada aos problemas e à melancolia dos corações” numa expressão condizente à sua intensidade. Seja pela via da linguagem mística ou a mais sensual, ou ainda, como Baudelaire, por uma expressão erótica inflamada e profunda, a poesia erótica do século XIX ganhou destaque, ainda que a pornografia lhe fizesse contraponto.

A pornografia, como discurso oposto ao gênero erótico, apareceria também como um dos marcadores da ruptura cultural presente na França no fim do século XVIII. Para Le Goffic, o sentido de erotismo sempre encontrou o problema da delimitação da diferença entre “a poesia erótica propriamente dita e a poesia que se chamou, sucessivamente, *sotádica* para os antigos, *sádica* para os modernos, e *pornográfica* para os contemporâneos”.⁵¹

Etienne Bricon, ainda em *La grande Encyclopédie*, apresentou o conceito de pornografia, embora, percebendo-o por perspectivas diferentes daquelas presentes na análise de Le Goffic. Para este, as diferenças históricas punham-se como ponto de partida para a análise do universo literário erótico e sua contrapartida, o universo pornográfico. Bricon, por sua vez, pronunciava um apagamento desse traço ao operar com o conceito de forma mais teórica, marcada pela quase ausência de quaisquer perspectivas históricas. Não se tratava de ver a pornografia nem como contraponto ao erótico, nem em pensá-la a partir de uma abordagem histórica. A pornografia existiria não a partir de um assunto específico

⁵¹ “On prendra soin, enfin, de ne pas confondre, encore que la ligne précise de démarcation ne soit point toujours aisée à démêler, la poésie érotique proprement dite et la poésie qu’on a tour à tour appelée *sotadique* chez les anciens, *sadique* chez les modernes et *pornographique* chez les contemporains. (...) [Avec Corneille] L’amour redevient, comme au moyen âge (sic), une science compliquée, transcendente... (...)Le XVIII^e siècle n’est guère plus heureux en fait érotique (...) Pour Voltaire, Dorat, Chaulieu, Gentil-Bernard, Florian, etc., ce fut chez eux pur libertinage ou passé-temps de rimeurs. Il était réservé à nous lyriques du XIX^e siècle (...) de faire exprimer à la passion une langue enfin appropriée aux troubles et à la mélancolie des cœurs qu’elle embrasse.” Cf. ÉROTIQUE (verbe). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

— o amor físico — em uma determinada experiência social, e sim pela “apresentação indiscreta, feita por um desejo de lucro ou por uma necessidade de vício, com o objetivo de excitar sexualmente”. Melhor dizendo, apenas haveria objeto pornográfico pelo ato de criação cuja marca relaciona-se com a produção da mercadoria.⁵²

O conceito de mercadoria, segundo Marx, é atravessado por diversas linhas de forças, como o valor de uso e o valor de troca. O valor de uso, ao se ligar ao universo das necessidades num sentido primário, escapa da esfera da economia política por não apresentar laços com a relação social de produção. Já o valor de troca ultrapassa o consumo, no sentido do saneamento das necessidades, inserindo-se nas relações sociais. Ao ligar-se à esfera do trabalho, que é responsável pela agregação de valor à matéria, o valor de troca implicaria, para o filósofo, num conjunto de relações, sempre presentes na mercadoria, mesmo quando encobertas pelo fetichismo que ela apresenta em uma sociedade capitalista.⁵³

Para Monzani, a partir do século XVIII, o luxo e a mercadoria associaram-se pela ideia de progresso, ambos correspondendo, se bem empregados, ao coroamento do processo civilizador. Nesse sentido, a querela do luxo apontaria para atributos do desejo, da imaginação e da fantasia conforme vivenciados pela sociedade. A mercadoria passaria, então, a participar das inquietações e dos projetos de futuro próprios ao século XVIII. Absolvido o luxo — tão condenável

⁵² “L’idée pornographique, en effet, ne reside pas d’abord dans le sujet même, qui, en principe, est l’amour physique, mais dans sa présentation indiscreète faite, par un désir de lucre ou par un besoin de vice, dans le but d’une excitation sensuelle. Ainsi la pornographie comence par l’être la divulgation des secrets de l’amour qui, de sa nature, reste mystérieux et ne garde sa beauté que dans le mystère: elle en est donc une incompréhension.” PORNOGRAPHIE (verbeté). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

⁵³ Cf. MARX, K. *Contribuição à crítica à economia política*, 1859, p.11 et seq. Especificamente sobre o fetichismo da mercadoria, ver MARX, K. *Economic and philosophical manuscripts*, 1844, p.342-344.

desde o mundo medieval — pela noção de boa administração das paixões humanas, a mercadoria estaria livre para assumir sentidos mais complexos e relacionados às projeções e desejos pessoais (compondo o que, para Marx, a ligaria ao processo de alienação).⁵⁴

A análise de Bricon, ao articular a pornografia com o fato financeiro pela noção de mercadoria, perpassava-a por relações sociais, o que permitia o reaparecimento de outros temas, como o da autonomia da arte, em voga na sociedade francesa desde meados do século XIX. Em semelhança com Fonsegrive, autor de um livreto sobre a relação entre a arte e a pornografia, editado em 1911, Bricon discutiu que o sentido social do objeto ou texto obsceno tem primazia para a compreensão de seu valor artístico ou pornográfico. Ele defendia, inclusive, posturas de enfrentamento dos costumes, já que sem isso, não se poderia absolver Flaubert por ter criado *Madame Bovary*. Em casos semelhantes, era premente recorrer à intenção do autor e não, como afirmava Fonsegrive, defender a autonomia da arte, mas também, a superioridade da sociedade em seu direito à ordem, em decorrência de alegação de ser ela a financiadora e consumidora dos objetos artísticos.⁵⁵

Ainda que Bricon não aprofundasse o argumento conservador em defesa do policiamento social, não deixava de ver a pornografia em suas relações morais. A identidade do “fato pornográfico” era vista não apenas pela motivação autoral, mas também como resultado de “um cálculo desonroso do dinheiro”, de “um

⁵⁴ Cf. MONZANI, L. R. *Desejo e prazer na Idade Moderna*, p.17-61.

⁵⁵ Cf. FONSEGRIVE, G. *Art et pornographie*, 1911. O texto de Fonsegrive refere-se também aos debates do congresso sobre o tema arte e pornografia, ocorridos em maio de 1908, em Paris.

estado de grosseria, de doença ou vício, sobretudo de imbecilidade”.⁵⁶ Assim, ao defender que a arte não era nem utilitária, nem motivada pelo lucro, nem marcada pela excrescência, Bricon postulava a pornografia, por ser o anverso da arte obscena, como tendendo à doença e à escatologia. Numa continuidade, ou seja, numa compreensão ahistórica de seus laços discursivos genéticos, o conceito e o gênero pornográficos haviam sido criados por Restif de la Bretonne, em 1769, para se referir à regulamentação da profissão de prostituta. A permanência não estaria tanto no tema da prostituição, já que esse conceito ganhou outras dimensões durante o século XIX, e sim, no sentido marginal, condenável, banido, sujo, moralmente corruptor e condenável que a associava-se a tudo que fosse pornográfico.⁵⁷

A leitura de *Le pornographe*, de Restif de la Bretonne, no entanto, indicamos outra inflexão discursiva no sentido dado ao termo. Ao compor o registro da pornografia, fazendo-se pornógrafo, ou seja, ao escrever um livro sobre a prostituição,⁵⁸ Restif vinculava-se ao espírito racionalista iluminista em sua vertente reformista, marcada pelo desejo de propor um programa prospectivo capaz de dar à França uma nova conformação e identidade, alinhadas ao esclarecimento.⁵⁹ Ainda que não se possa alinhar, segundo Rouanet, seu discurso à simples defesa ou oposição ao Antigo Regime, porque ele transitava entre

⁵⁶ “Le fait pornographique résulte principalement de l’intention de l’auteur, et un rien lui suffit pour se manifester, comme un mouvement souffit à la chasteté du nu pour devenir de l’impudeur; il se produit, lorsqu’il ne pas un calcul honteux d’argent, dans un état de grossière, de maladie ou de vice, surtout dans un état d’imbecilité”. PORNOGRAPHIE (verbete). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

⁵⁷ “[l’obscène en sa dimension pornographique arrive] à tomber dans l’escatologie qui est le gout de l’ordure.” PORNOGRAPHIE (verbete). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

⁵⁸ “*pornonomia*, esta palavra grega significa: a regra dos lugares destinados a licenciosidade (...) *pornógrafo*, ou seja, *escritor de tratado sobre prostituição* (*pornonomie*, ce mot grec signifie: la règle des lieux de débauche (...) *pornographe*, c’est-à-dire: *écrivain qui traite de la prostitution*)”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.60.

⁵⁹ Cf. Idem. *Ibidem*, p.52.

grupos sociais diversos, assumindo posições contraditórias,⁶⁰ sua proposta direcionava-se, se não ao governo de Luís XV, à sociedade estamental e absolutista do século XVIII. As reformas propostas eram, tal como as de Rousseau, antídotos capazes de curar a sociedade, sem que o corpo percesse ou mudasse de natureza.⁶¹ *Le pornographe* e outros textos que a eles sucederam — *La Mimographe, ou Idées d'une honnête femme pour la réformation du théâtre national*; *Les Gynographes, ou Idées de deux honnêtes femmes sur un projet de règlement proposé à toute l'Europe pour mettre les femmes à leur place, et opérer le bonheur des deux sexes*; *L'Andrographe, ou Idées d'un honnête homme sur un projet de règlement, proposé à toutes les Nations de l'Europe, pour opérer une reforme general des mœurs, et par elle, le bonheur du genre humain*; e, por fim, *Le Thesmographe, ou Idées d'un honnête homme sur un projet de règlement, proposé à toutes les Nations de l'Europe, pour opérer une reforme générale des loix* — articulavam-se, segundo Moiset, em artigo publicado em 1896, no *Bulletin de la Société des Sciences historiques et naturelles de Yvone*, segundo um esforço de discutir as práticas de saneamento da sociedade a partir do controle, do ordenamento e da modernização dos espaços e instituições.⁶²

Ao buscar pensar o mundo das cortesãs, Restif esboçava o controle, o confinamento e a educação como mecanismos de transformação. Acreditava na importância de romper com os castigos e disciplinas sobre o corpo, bem como

⁶⁰ Cf. ROUANET, S. P. *O espectador noturno*, p.53.

⁶¹ “A ideia é formulada de maneira ampla, afirma Starobinski sobre Rousseau: o remédio poderia encontrar-se na vizinhança (*ao lado*) da planta venenosa, ou no próprio interior (*na substância*) do animal perigoso. No primeiro caso, o mal atrai para dele o seu antídoto; no segundo, ele o contém. Além disso, é preciso que intervenha um terapeuta (...) que saiba *extraire* o remédio a partir do próprio mal”. SATORBINSKI, J. *As máscaras da civilização*, p.164.

⁶² Charles Moiset apresenta o conjunto de livros de Restif de la Bretonne indicados pelo traço das “ideias singulares”. O sentido pelo qual Moiset percebe esse conjunto é dado pela noção de utopia e pelo desejo de “melhoramento” social. Dessa forma, entendemos haver certa coerência entre as propostas de *Le pornographe* e os demais livros. Cf. MOISE, C. *Les Idées singulières de Rétif de la Bretonne, Société des Sciences historiques et naturelles de Yvone* (Bulletin de la Société), p.292-321.

apostava numa sensibilidade coerente com os movimentos penais do fim do século XVIII e, principalmente, do século XIX, que viam o indivíduo e seu corpo como parte útil, componente do poder social e, desde que controlado, potencializado no sentido positivo.⁶³ As casas públicas, para ele, não eram, desse modo, espaços de pura permissividade, embora fossem locais de realização de desejos. De igual maneira, ainda que centradas no universo masculino, já que adotavam uma perspectiva cultural marcadamente machista, tratava-se de constituir os direitos das prostitutas, numa espécie de compensação e constituição de igualdade.⁶⁴ Além disso, as prostitutas, ao mesmo tempo em que tinham tempo para o cuidado de si, submetiam-se, ainda, ao rigor de um controle de horários e práticas saudáveis, o que demonstrava que essas moças tanto eram donas de seu próprio corpo, quanto o haviam submetido à permanente vigilância.⁶⁵

O sentido da pornografia, assim delineado, correspondia a um esforço civilizador e educativo, oposto mesmo ao discurso de Bricon sobre a pornografia como algo sujo, banido. Para Restif, o ordenamento das prostitutas resultava,

⁶³ Foucault desenvolve o argumento de que, diferente do que se acreditou, desde o século XVII, não se esvaziou o indivíduo de materialidade, numa ênfase do espírito frente à desvalorização do corpo físico. Pelo contrário, “acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, metucioso”. FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p.147. Este aspecto está melhor desenvolvido em FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*.

⁶⁴ “No momento que uma moça é escolhida e a Governanta for conduzi-la a um quarto que ela tem costume de ocupar, a moça, antes de entrar no quarto, gozará do mesmo privilégio que o homem teve de escolha, ou seja, ela o examinará abrindo uma pequena abertura localizada na porta de cada quarto. Se ela o recusar, ele será obrigado a fazer uma outra escolha (Lorqu’une fille sera choisie et que la Gouvernante l’aura conduite à la chambre qu’elle a coutume d’occuper, la fille, avant d’entrer, jouira du même privilège que l’homme qui l’a demandée; c’est-à-dire qu’elle examinera em ouvrant un petit guichet qui sera à la porte de chaque chambre. Si elle refuse d’entrer, il sera obligé de faire un autre choix”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.95.

⁶⁵ Diversos artigos do regulamento da vida no Parthénion (nome substituto a bordel, que poderia machucar os ouvidos delicados) são baseados nesse princípio. Destacamos um, como exemplo: “Haverá horas regulares para a toailete e para as refeições. Levantar-se-á no máximo às nove horas. O café da manhã será imediatamente. Poder-se-á ocupar das vestimentas até as onze, ou, se a toailete rapidamente terminar, dispor desse resto de tempo conforme o desejo, como para visitar umas as outras, caminhar, etc. (Il y aura des heures réglées pour la toilette et pour les repas. On se lèvera à neuf heures au plus tard. Le déjeuner suivra immédiatement. On pourra s’occuper de la parure jusqu’à onze, ou, si la toilette est plus tôt achevée, disposer de ce reste de temps à sa fantaisie, comme à visiter les unes les autres, à se promener, etc.)”. Cf. Idem, *Ibidem*, p.100.

primeiramente, de uma necessidade social,⁶⁶ seguida da certeza de que, transformando os prostíbulos em “casas públicas, bem administradas”, elas poderiam contribuir “para o restabelecimento da decência e da honestidade pública”.⁶⁷

Assim, contrário a qualquer análise que tenda a ver o discurso pornográfico em linhas de continuidade, percebemos que, como no caso do discurso erótico, entre 1769 e as últimas décadas do século XIX, existem diferenças marcantes na composição desse discurso. Para Corbin, a partir de 1871 houve uma variação no tom do discurso regulamentador francês (ou seja, no discurso que buscava pensar a prostituição e as práticas sanitárias pela via da regulamentação e controle da profissão de prostituição) em virtude dos movimentos populares ocorridos entre março e maio daquele ano. O levante popular e a tomada de Paris, seguida da constituição do governo da Comuna apontaram para os grupos dirigentes o caráter imprevisível e ameaçador das massas. Mobilizaram-se, assim, discursos e práticas variadas que fossem capazes de conter e controlar essa nova entidade política.⁶⁸

Se até 1871, o século XIX francês estava pautado num certo otimismo pelo progresso e pela capacidade do aperfeiçoamento social reformista, tal como apresentada por Parent-Duchâtelet, em 1836, em livro intitulado *De la prostitution dans la ville de Paris*, a partir daí, passa-se ao questionamento dos impactos das transformações socioeconômicas na vida francesa e, dado o posicionamento de

⁶⁶ “a prostituição é um mal necessário em todo lugar onde reine algum pudor, ela convém assim a todo o universo e em todos os séculos (la prostitution est un mal nécessaire partout où il règne quelque pudeur, j’en conviens avec tout l’univers et tous les siècles)”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.66

⁶⁷ “on avoue la nécessité de tolérer les prostituées dans la capitale et les autres grandes villes d’un royaume. (...) On propose le remède [aux inconvénients inséparables de la prostitution para le règlement] (...). On y verra q’une maison publique, bien administrée, qui rassemblerait toutes ces malheureuses, le scandale de la société, pourrait (...) contribuer au rétablissement de la décence et de l’honnêteté publique”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.52-53.

⁶⁸ CORBIN, A. *Les filles de noce*, p.37 passim.

manutenção das linhas gerais da sociedade, à constituição definitiva de estratégias novas de controle.

A fundação da Liga Francesa em prol da Restauração da Moralidade Pública (*Ligue Française pour le Relèvement de la Moralité Publique*, LRMP), em 1883, articulou-se como resposta às ameaças revolucionárias. A LRMP posicionava-se, de forma clara, contra a postura tolerante até então mantida pelo Estado diante da prostituição. Nessa década, várias associações em defesa da moralidade e de caráter antipornográfico uniram-se para compor um movimento internacionalista antipornográfico. Em março de 1905, realizou-se em Bordeaux o primeiro congresso antipornográfico com presença de mais de 3.500 pessoas na conferência principal. Em 1911, *Le bulletin d'informations antipornographiques* passou a ser o veículo internacional de divulgação de uma federação também internacional e voltada ao mesmo projeto.⁶⁹

Os grupos conservadores argumentavam que o sistema de regulamentação era ineficaz, quando não corrupto. Se o início do século XIX havia apostado no controle sanitário da prostituição como meio promover a saúde pública e desestimular essa prática, o que se observava em 1876, segundo Sautter era o crescimento do número de prostitutas, mesmo observada a redução das casas de tolerância.⁷⁰ Essa denúncia, que também propunha a abolição da polícia dos costumes (*police des mœurs*), leva-nos a inferir que o sistema de controle feito pelo sistema de segurança era ineficiente em sua prática de controle, o que, provavelmente, revelaria a manutenção de certas conivências, já que as prostitutas e os lugares mais licenciosos constituíam um circuito interessante para

⁶⁹ Cf. LE NAOUR, J.-Y. Le mouvement antipornographique: la Ligue pour le relèvement de la moralité publique (1883-1946), *Histoire, économie et société*, p.386-387.

⁷⁰ Cf. SAUTTER, D. *L'état de la moralité publique*, 1876, p.27 et seq.

investigações sobre crimes e motins políticos.⁷¹ Além disso, sabendo que no século XVIII era legal a cobrança de uma taxa de certos locais, como hospedagens, acreditamos que dificilmente que essa prática de prostituição seria abruptamente interrompida, ainda mais levando em consideração a regulamentação da profissão de prostituta. Como não investigamos o assunto, não temos informações sobre mudanças das práticas legais relacionadas a polícia dos costumes.⁷²

As sociedades científicas e sanitárias também redimensionaram seu discurso, tanto incorporando preocupações reprodutivas, quanto buscando avaliar a degenerescência oriunda das práticas sexuais. Segundo Armand Desprès, das 30.000 prostitutas existentes em Paris, somente 3.700 estariam inscritas na polícia. Deste montante, 1.500 eram residentes em casas de tolerância e as demais, portadoras de carta que as capacita a trabalhar fora da reclusão. Constatava-se, assim, uma prática de consentimento dos homens do século XIX em se expor à sífilis e outras doenças venéreas.⁷³

A Sociedade de Antropologia de Paris (Société d'Anthropologie de Paris) discutiu o assunto, em primeiro de março de 1877, a partir da investigação do impacto da prostituição regulamentada na constituição de núcleos familiares por casamento e, dos índices de fecundidade. Para Dunousset, o problema agravava-se em cidades de natureza comercial, centros manufatureiros e regiões portuárias. Nesses lugares, a “degradação social” resultava em problemas de grande impacto para o sistema econômico, bem como para a conformação social, já que o número de filhos bastardos também era grande. Para Lagneau, essa prática conduzia à esterilidade relativa, quando não atingia “prosperidade fisiológica de uma

⁷¹ Cf. FARGE, A. *Dire et mal dire : l'opinion publique au XVIII^e siècle*, p. 54.

⁷² Cf. BENABOU, E.-M. *La prostitution et la police des mœurs au XVIII^e siècle*, p.96 et seq.

⁷³ Cf. DESPRÉS, A. *La prostitution en France*, 1883, p. 173 e 178.

população”. Já Geniller achava essencial certa cautela, pois a “Bélgica, onde a regulamentação da prostituição é mais rigorosa, tem uma população bem considerável”, o que seria um argumento contraditório ao discurso mais aceito naquele momento e uma provocação a melhores estudos.⁷⁴

Até mesmo os grupos e partidos políticos referiam-se à pornografia num sentido negativo, não mais reformista, apenas como forma de denúncia. Michel Pons, em 1885, promovia o Partido Realista, afirmando que o governo republicano vigente era incapaz de conter (senão promovia) a “maré imensa de pornografia” presente na sociedade, principalmente nos discursos criminosos da má literatura. O próprio regime iniciado em 1871, com Thiers, era denominado República Pornográfica. E, não bastasse isso, o tema da excrescência retornava à tópica pornográfica, como em Bricon, só que pela presença iconográfica: logo abaixo do título do segundo capítulo, *A república pornográfica*, havia a imagem de um porco comendo no cocho, seguido dos nomes de Taxil e Zola, ambos importantes intelectuais e críticos das condições políticas e sociais da França no fim do século XIX.⁷⁵

Assim, contrários a quaisquer tentativas de reificar o discurso pornográfico, situando-o numa perspectiva unívoca, percebemos sua geração a partir do contexto iluminista e, pouco depois, uma inflexão semântica que delimitou um novo sentido ao gênero. De um discurso sanitário e de uma dimensão atrelada ao um desejo social de constituir recantos higiênicos, como apontava Restif de la Bretonne, a enunciação pornográfica gradualmente atrelou-se à uma dimensão imoral, suja, própria ao banimento e às esferas obscuras da

⁷⁴ DESPRÉS, A. Sur la prostitution réglementée et ses rapports avec la depopulation (séance du 1^{er} Mars 1877), *Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris*, p.158 passim.

⁷⁵ PONS, M. *La fin de la République : ses derniers moments*, 1885, p.15 passim. Ver anexo I.

sociedade. A pornografia e o pornográfico perderam a funcionalidade de assepsia do corpo social, tendendo a identificar-se com a própria excrescência.

As transformações econômicas, também, que redesenharam o cenário francês, principalmente a partir de 1852, são extremamente importantes para que se entenda a composição do universo de consumo e produção, ao qual a pornografia iria se inserir. Segundo Jean Bouvier, ainda que seja difícil precisar o grau do impacto das transformações sociais em relação ao aprofundamento da economia capitalista, do redesenho da atividade industrial e da reconfiguração dos espaços urbanos, não se pode excluir a emergência de uma nova “civilização industrial” a conformar as práticas sociais.⁷⁶

Ao longo do século XIX e durante o século seguinte, o universo do consumo constituiu seus recantos de banimento em forma de mercadorias pornográficas, representações do corpo e de práticas corporais a serem compradas no mercado, segundo uma nova dinâmica de preocupações. Paulatinamente, abandonou-se na sociedade os vínculos entre valores da moral cristã e os objetos pornográficos. Quer como incentivo quer como desestímulo ao consumo, novos enunciados ajudavam a compor essas mercadorias, identificando-as com a degeneração física ou o universo dos desejos e a impossibilidade de contê-los completamente.⁷⁷

⁷⁶ O conceito de civilização é utilizado por Bouvier como “maneira de fazer e de ser, de produzir e pensar, maneira de viver no grupo, em relação a outros indivíduos do grupo e de outros grupos” e o de novo, a partir de um contraponto à velha França, a do Antigo Regime, com sua economia e sociedade que, lentamente, entrou em declínio no fim do século XVIII e perdeu até meados do século seguinte. Cf. BOUVIER, J. *Le mouvement d'une civilisation nouvelle (1852-1914)*. In DUBY, G. (org.). *Histoire de la France des origines à nos jours*, p.812-813.

⁷⁷ Cf. FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*; Idem. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*, p.51-71. Charles Taylor indica que o processo de desencantamento do mundo instaura no mundo tanto o esvaziamento do universo mágico e místico, quanto permite a composição de uma pluralidade de questionamentos sobre os processos morais e espirituais. Assim, secularização, em última instância, resultaria não na abolição do ponto de vista cristão, mas na validação de vários outros (Cf. TAYLOR, C. *A secular age*, p.20 et seq.). Tal ponto de vista provavelmente pode ser percebido mais eficazmente à vida da segunda metade do século XX, principalmente a partir dos anos 1960, quando os discursos de multiculturalismo ganham destaque.

Ao mesmo tempo, a composição de um universo de consumo novo significou o abandono de velhas tradições e posturas, o que foi visto, por alguns, como sinônimo de alienação do homem de si mesmo. O caso do esquecimento da obra de Gustave Droz, contemporâneo de Zola, é exemplar nesse sentido. Segundo *Les annales politiques et littéraires* do dia 27 de outubro de 1895, após a guerra com a Alemanha, o pintor e romancista entristeceu-se tanto pelo esquecimento que lhe foi progressivamente dado pela Academia, quanto pela emergência de novos talentos que compunham uma “corrente *pornográfica*”. Esse grupo era responsável pela edição de maus livros, de gravuras em jornais diários parisienses. E o pior, tinha seus autores honrados e condecorados,⁷⁸ numa espécie de abandono dos ideais de crítica ainda vigentes na França em 1871.

Por fim, talvez valha pensar, ainda, em que medida o discurso pornográfico, no decorrer do século XX, não retornou à lógica asséptica presente em Restif, ainda que de forma diversa, já que fazendo-a pela via estética. Segundo Jean-Claude Carrière, no cinema pornô, os atores usam de seus corpos de forma diferente da possibilidade real: o gozo é limpo, o suor está ausente, o contato sempre regulado pelo melhor ângulo. Desse modo, reproduzem para consumo os desejos, que podem ser adquiridos, inclusive, em aspectos aperfeiçoados.⁷⁹ Nas revistas, as fotografias revelam heróis, corpos milimétrica e artificialmente trabalhados. O retoque valoriza a curva, corrige a deformidade e transforma os modelos em mercadorias limpas e belas. As trocas de fluidos ficaram ausentes do

⁷⁸ “Gustave Droz ne se console jamais de cette échec, il fut pris d’un incurable décoragement; il cessa de produire, il jugea de loin, et non sans dédain, les éclosions des nouveaux talents. Il vit, ce que redoubla sa tristesse, se dessiner le courant ‘*pornographique*’ qui prit naissance à l’ancien *Gil Blas* et se repandit dans la presse. (...) chaque jour, il pouvait lire dans les premiers journaux de Paris des gravelures presque aussi fortes que celles que lui avait reprochées. Et les auteurs de ces contes, des ces nouvelles, de ces romans ordiers, étaient honores, décorés ; leurs rénomées grandissait”. *LES ANNALES politiques et littéraires*, Paris, 27.out.1895, p.262.

⁷⁹ Cf. CARRIÈRE, J.-C. *A linguagem secreta do cinema*.

universo obsceno, já que as mercadorias pornográficas frequentemente têm uso individual. O próprio sexo, por questões de saúde pública, veio a ser atravessado, pelo enunciado da segurança, por um sentido de assepsia que é dado pelos invólucros que isolam os órgãos sexuais dos parceiros, impedindo possíveis contaminações pelo fluido alheio. De certa forma (e talvez estejamos exagerando), a pornografia venha realizando também, quem sabe num grau até mais elevado que o erotismo, o processo de estetização da vida.

3.

Até agora delineamos o processo de transformação do regime discursivo obsceno francês, com especial atenção aos movimentos sociolinguísticos ocorridos em torno do limiar do século XVIII e nos desdobramentos que sucedem à Revolução Francesa. Segundo Paul Hazard, houve mudanças significativas na sociedade francesa nesse período, embora desde 1680 já viesse se aprofundando um lento processo de substituição de uma civilização fundada sobre a ideia de dever — os deveres a Deus e ao príncipe, principalmente — para outra, na qual a ancoragem social fosse dada pela concepção de direitos, como defendiam os “novos filósofos”.⁸⁰ Para Foucault e Koselleck, no fim do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, as formas e práticas sociais já se apresentavam esgarçadas em seus sentidos e possibilidades de compreensão do mundo, o que resultou na composição de novas instituições na esfera epistemológica e na estrutura política.⁸¹

⁸⁰ A diferença entre o período compreendido entre 1680 e 1715 e o seguinte, que vai da morte de Luis XIV, em 1715, até a Revolução em 1789, reside no fenômeno de difusão de práticas e ideias durante o século XVIII. Em todo caso, o cenário da crítica já vinha se armando, nos círculos filosóficos, desde o fim do século XVII. Cf. HAZARD, P. *La crise de la conscience européenne, 1680-1715* ; Idem. *La pensée européenne au XVIII^e siècle*.

⁸¹ Cf. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*; KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*.

A Revolução Francesa, nesse sentido, mais que anunciar uma crise, põe-se como um ponto culminante de mudanças. Para Toqueville, 1789 emergiu como um momento condensador de eventos que só caberiam num processo que explicitava e tornava legal um movimento geral já delineado na sociedade.⁸² Se, contudo, não se pode negar sua importância, isso reside, como afirma Arendt, nas possibilidades de recomposição do espaço político em novo reordenamento, principalmente após 1793, ou ainda, segundo Furet, pela capacidade que a Revolução apresentou em se criar como marco zero de uma nova constituição sociopolítica.⁸³

A aposta na ruptura deve ser feita com cuidados no que tange a análise de processos sociolingüísticos. O regime discursivo obscuro foi sendo refeito, como já apontamos, a partir de relações sociais circunscritas histórica e socialmente, tanto por deslocamento de significados, quanto por uma transformação e criação de novos gêneros discursivos e fórmulas enunciativas.⁸⁴

A inclusão da libertinagem como parte do universo erótico resultou em vários aspectos de um processo de transformação linguística, correspondendo a um movimento de adequação da linguagem e seus regimes discursos às novas necessidades, bem como revelando uma capacidade construtora do enunciado ao engendrar novas formas de perceber o mundo.

⁸² Cf. TOCQUEVILLE, A. de. *L'Ancien Régime et la Révolution*.

⁸³ Cf. ARENDT, H. *Da revolução*; FURET, F. *L'Ancien Régime et la Révolution* (p.828-854). In *La Révolution Française*.

⁸⁴ Gumbrecht propõe o conceito de “cascatas da modernidade”, que prevê uma imbricação de processos históricos. Desse modo, ele analisa a emergência da modernidade a partir de um grupo de fatores e fases que se sobrepõem, sem que necessariamente um período seja ou ruptura ou continuidade do anterior, num movimento progressivo. Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*, p.09-32. Acorramo-nos também em Meillet, para quem os estudos de linguística atrelam-se à dinâmica histórica. Assim, sua compreensão da semântica não se mostra ligada a uma exposição seqüenciada de significados próprios a cada verbete numa série de eventos, mas sim num esforço de perceber os enunciados como partes de regimes discursivos próprios à sociedade em transformação. Desse modo, a noção de deslocamento de significados prende-se às pesquisas do que vem sendo chamado, desde a década de 1960, de sociolingüística. Cf. MEILLET, A. *Comment les mots changent des sens* (p.230-271). In *Linguistique historique et linguistique générale*; CALVET, L.-J. *La sociolinguistique*.

Em 1818, no *Dictionnaire des sciences médicales*, afirmava-se que o tema da libertinagem dizia respeito tanto à medicina moral quanto à filosofia, na medida em que, segundo o entendimento clínico, a propensão libertina, entendida no sentido de interferências no sistema nervoso em sua relação com os ardores sexuais, é mais frequente em animais da classe dos mamíferos. Sua constituição física — as fêmeas tem clitóris, os machos um pênis mais ou menos longo, o coito é feito com penetração, sendo a cópula prolongada e suscetível à estímulos nervosos — faziam-lhes mais propensos às “delícias do amor”. No caso da espécie humana, a grande quantidade de sangue nas regiões sexuais produziria uma disposição natural à libertinagem amorosa. Contudo, não se poderia apagar os aspectos socioculturais que interferem nos hábitos e práticas sexuais. No mundo moderno, por exemplo, o luxo, o comércio e o fluxo de estrangeiros tornaram os homens mais propensos ao desregramento, tornando a prática libertina relacionada ao processo de difusão de doenças pela Europa, como a sífilis.⁸⁵

A libertinagem, vista a partir dessa ótica clínica, foi sujeita a um padrão de avaliação científico. Porém, ao admitir a interferência filosófica, acabou-se por dar ao conceito outra dimensão, de natureza moral. Segundo as novas concepções da vida, a libertinagem resultava de uma constituição fisiológica específica, que vinculava circulação sanguínea, capacidade respiratória, forma da genitália e tipo de cópula praticada pela espécie, tudo isso posto numa relação comparativa, que de certa forma corresponde à ideia de processo histórico. As noções de responsabilidades pelas gerações futuras e de interferência na longevidade dos homens associavam-se, por sua vez, à emergência dessas novas formas de

⁸⁵ Cf. LIBERTINAGE (verbetes). *DICTIONNAIRE des sciences médicales*, 1818, p.113 passim.

controle do corpo e da ideia, também nova, de que a economia de energia conduzia ao fortalecimento do corpo e seu contrário, o gasto excessivo de energia pela prática da libertinagem, produzia enfraquecimento. Poderíamos pensar em certo alinhamento dos discursos sobre libertinagem e sobre pornografia pela intermediação do saber médico, pois em ambos a noção de preservação do corpo e da espécie veio a ser uma tópica intrínseca ao conceito. A interferência do campo moral também foi marcante no que diz respeito à pornografia. Da dimensão científica, passava-se gradualmente ao campo social em suas implicações morais e éticas, bem como às novas formas de exercício do poder.

No século XVIII, o aspecto moral relacionado à libertinagem parecia obedecer ainda a outras dinâmicas. O desregramento de costumes e a intemperança (*la débauche*), para Farge e Foucault, vieram a ser de uso “corrente na pena dos escritores públicos”, revelando-se tanto “chave” quanto imprecisão que “parece resumir em si toda a falta sem jamais se fixar no sentido exato, no verdadeiro conteúdo”.⁸⁶ A identificação do libertino com alguém que vive obscenamente, em excessos, intemperança, num franco desrespeito ao costume, ganhou conformação na fala popular nesse momento, como atesta o pedido de uma *lettre de cachet*⁸⁷ para detenção de Marguerite Gobet, feito por Duchesne, funcionário do Procurador Geral do Parlamento de Paris. Segundo ele, o casal seguia vida tranquila, “sem nenhum dos conflitos que nascem ordinariamente ou da desinteligência ocasionada pelas diferenças de pensamento ou pela aversão causada pela libertinagem”. Isso mudou, entretanto, após curto tempo,

⁸⁶ “*Débauche*, voici le mot le plus employé, celui qui revient le plus souvent sous la plume des écrivains publics; mot clé; mot imprecise pourtant et que semble résumer en lui toute la faute du monde sans jamais s’attarder à en donner le sens exact, le véritable contenu.” FARGE, A.; FOUCAULT, M. *Le désordre des familles*, p.32.

⁸⁷ A *lettre de cachet* é um ato jurídico, vigente no Antigo Regime e que correspondia a uma carta com selo real, com a ordem de internar ou exilar um indivíduo. Nesse sentido, compunha-se como uma demonstração do poder do rei.

demonstrando sua esposa “uma disposição particular para a intemperança”, sendo “os excessos da boca e do vinho (...) a paixão dominante”. Mentirosa e dissimulada, ela se tornou “sem fé nem lei”, não tomando nada como sagrado, veio a ser desrespeitosa com todos.⁸⁸

No caso das mulheres, o vocabulário de desregramento (*débauche*) ou libertino, presente nos pedidos de encarceramento, aparecia mais atenuado, demonstrando queixas de obscenidade um tanto moderadas se comparadas com as cartas sobre mulheres, o que supomos decorrer ou de certo pudor pessoal ou do escritor público ao relatar o caso. Além disso, como os pedidos se justificavam normalmente pela violência doméstica e bebedeiras (às vezes os jogos, outras, a frequência a cabarés etc.) e tendo em vista um moral e éticas masculinas no direcionamento das instituições jurídicas do século XVIII, o uso atenuado das formas enunciativas libertinas poderia ser uma boa estratégia para demonstrar submissão da mulher ao papel que lhe cabia e uma vida moralmente bem orientada, facultando assim, em troca, o direito ao pedido.⁸⁹ Nesse sentido, na queixa em que Jeane Catry, em 1728, pedia ao Rei o encarceramento de seu marido, Antoine Chevalier, dizia-se que alguns “traços de loucura”, decorrentes do “excesso e má conduta” eram encontrados em seu marido. Como isso aumentasse de ano em ano e passando ele a gastar tudo no cabaré, sem pensar nas

⁸⁸ “les premières années de son mariage on été assez calmes et paisibles, sans aucune de ces alterations qui naissent ordinairement ou de la mésintelligence occasionnée par le départ des facultes, ou de l’aversion causée para le libertinage. Mais cette tranquillité dont le suppliant a joui d’abord a été de courte durée (...) le suppliant ayant trouvé em elle [sa femme] une disposition toute particulière à la débauche (...). Les excès de la bouche et du vin étant devenus la passion dominante de cette femme (...). Fourbe et menteuse au dernier degré (...). Devenue sans fois ni loi, rien ne lui est sacré, elle ne connaît plus aucun joug de la Religion, étant sous ses pieds, il n’est pas étonnant qu’elle ne fasse aucun cas de celui de la maison et qu’elle ne respect personne”. DUCHESNE, transcrição Ars. Arch. Bastille 11994, fol. 178-183 (1758). In FARGE, A.; FOUCAULT, M. *Le désordre des familles*, p.76-77.

⁸⁹ Nada se encontra sobre referências explícitas às frequentes visitas às prostitutas e às complicadas relações extraconjugais tão comuns à experiência social do século XVIII. Cf. FARGE, A. *Dire et mal dire*; BENABOU, E.-M. *La prostitution et la police des mœurs au XVIII^e siècle*.

necessidades familiares, ela vinha se reduzindo à “mendicidade”. Por isso e, por ter sido aconselhada por todos os vizinhos, não lhe sobrou alternativa senão pedir ao rei o auxílio.⁹⁰ Já Claude Jacob foi mais direta ao apontar os problemas morais de seu cônjuge, porém também não desenvolveu queixas que enfatizassem o aspecto libertino, como se um pudor a afastasse da prática. Ela dizia ter o marido “todas as espécies de excessos e desregramentos”, dissipando seus bens com seus companheiros, além de ser entregue à jogatina.⁹¹

Embora existam as nuances resultantes das transformações das estruturas sociais, nessa dimensão cotidiana, as falas populares do século XVIII já indicassem sentidos da libertinagem em proximidade com os valores morais e sexuais que lhe foram fixados no decorrer do século XIX e que perduraram no discurso. No *Dictionnaire de l'Académie Française*, edição de 1878, aparecia o registro de *libertino(a)* como palavra de função morfológica de adjetivo, significando desregramento dos costumes e dos hábitos. O termo servia ainda para referir-se às coisas em diversos sentidos, como contos libertinos ou vida libertina, ou, às crianças e aos jovens estudantes, para indicar alguém que negligencia seus deveres.⁹² De um modo geral, a ideia de libertinagem ia se fixando como excesso, principalmente o sexual, embora, como vimos, isso resultasse de práticas sociais diversas.

⁹⁰ “il [Antoine Chevalier, épouse de la supplicante] a toujours donné quelques marques de folie qui ont augmenté d'année en année et que l'on attribuit seulement à sa débauche et mauvaise conduite, parce qu'il ne s'est jamais comporte em homme range, ayant toujours dépensé au cabaret tout ce qu'il gagnait sans avoir aucun soin de sa famille (...) la suppliante qui est une pauvre femme réduite à la mendicité par la conduite de son mari”. ANTOINE CHEVALIER, transcrição Ars. Arch. Bastille 11004, fol. 12(1728). In FARGE, A. FOUCAULT, M. *Le désordre des familles*, p.95.

⁹¹ “il y a dix ans qu'elle a eu le malheur d'épouser ledit Varillon qui depuis ce temps s'est porté à toutes sortes de débauches, venant à dissiper tout son bien avec des compagnies de gens dérégés de sa sorte, jouant”. GERMAIN VARILLON, transcrição Ars. Arch. Bastille 11030, fol. 107(1728). In Idem, *Ibidem*,

⁹² LIBERTIN, INE (verbe). *DICIONNAIRE de l'Académie Française*, 1878.

Se a ideia de libertinagem como excesso, principalmente o sexual, foi se fixando no discurso pelo uso mais cotidiano e pela transformação de certas práticas de controle do corpo, não podemos nos dispensar de apresentar de que houve um apagamento de sentidos, o que, também, contribuiu para a conformação do enunciado ao novo regime discursivo obscuro. O *Dictionnaire de l'Académie Française* apresentou uma referência a um uso caduco e antigo do termo libertino, com valor morfológico de substantivo e significando “quem fez profissão de não se sujeitar às leis da religião, quer por crença, quer por prática”: *os libertinos e os espíritos fortes*.⁹³ Nisso, há uma referência pontual a um sentido que somente pode ser compreendido processualmente.

Segundo Trousson, em 1477, a forma *libertiniens* apareceu em traduções da Bíblia, pelo uso presente em Paulo, nos Atos dos Apóstolos (VI, 9), ao se referir a *synagoga libertinorum*. Em 1523, a palavra francesa *libertins*, de origem latina, própria ao direito romano, foi empregada, na Bíblia (Atos dos Apóstolos, VI, 9), na tradução de Lefèvre d'Étapes, fazendo concorrência a *affranchi* (dar alforria a um escravo, libertar).⁹⁴ A partir dessa segunda forma, o termo ganhou conformação quando Calvino dirigiu-se aos heréticos, em 1544 e 1545, com os

⁹³ “Libertin, signifie encore, Qui a fait profession de ne point s'assujettir aux lois de la religion, soit pour la croyance, soit pour la pratique. En ce sens, qui a vielli, il ne s'employait guère que substantivement. *Les libertins et les esprits forts*”. LIBERTIN, INE (verbete). *DICIONNAIRE de l'Académie Française*, 1878.

⁹⁴ Cf. TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII^e siècle*, p.I-II. Henri Bousson afirma que durante a Idade Média a palavra *libertinus* tinha o mesmo uso que o termo *affranchi*. Porém, diferentemente do que normalmente aparece em estudos sobre libertinagem, ele entende como erro compreender uma origem bíblica para a palavra, derivando-a de *synagoga Libertorum*. Cf. BUSSON, H. Les noms des incrédules au XVI^e siècle, *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, p.281. Para Jean Wirth, a palavra libertino já existia, no sentido moderno, antes de Calvino, embora seu uso fosse restrito. Uma canção do início do século XIII conteria os seguintes versos “*Primo pro nummata vini: / ex hac bibunt libertini / Semel bibunt por captivis...*”. O sentido da palavra seria traduzido por *débauchés*, que se relaciona aos excessos, aos derragamentos. Porém, seria incorporado ao universo parisiense, freqüentado por Calvino no começo do século XVI. Além disso, para o historiador, Calvino usaria o termo numa relação de comparação com os goliardos, hereges medievais a quem se vinculavam essa e outras canções desavergonhadas e festejadoras da vida e prazeres terrenos. Cf. WIRTH, J. “Libertins” et “Épicuriens”: aspects de l'irréligion au XVI^e siècle, *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, p.601-605.

tratados *Brieve instruction pour armer tous bons fideles contre les erreurs de la secte commune des Anabaptistes* e *Contre la secte phantastique et furieuse des Libertins qui se nomment spirituelz*, para refutar-lhes um conjunto de ideias e doutrinas.⁹⁵ Conforme sua afirmação em 1545, dentre todas as heresias, os libertinos eram os mais perniciosos, já que eles constituíam a felicidade em prazeres carnis, blasfemavam de tudo, negavam o mal no mundo (por defenderem que tudo provinha de Deus) etc.⁹⁶ Em 1547, advertindo os fieis, Calvino afirmava ainda ser comum a “todos os libertinos (...) divertir-se com a Escritura Sagrada, transfigurando-a a seu prazer por loucas alegorias, o que não é outra coisa que falsificar o seu sentido natural”. Além disso, dando livre curso à imaginação, faziam a Escritura “servir a tudo” que pensam,⁹⁷ num indício de que, para Calvino, os libertinos eram vistos num plano intelectual e moral, o que justificava sua ação de combate teológico e a denúncia do desregramento nos hábitos de vida.

Entretanto, o aspecto mais importante do conflito que ronda a definição de libertinagem nesse nascimento do mundo moderno não reside em cada ponto de

⁹⁵ Segundo Trousson, o termo libertino seria aplicado aos anabatistas. Cf. TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII^e siècle*, p.II. Wirth afirma que Calvino diferencia os libertinos dos anabatistas. Uma leitura atenta do tratado de Calvino, datado de 1545, dá razão a Wirth, já que, apesar de Calvino dizer a princípio que escrevia “contra todas as falsas opiniões e erros dos Anabatistas (contre toutes les faulses opinions et erreurs des Anabaptistes)”, logo abaixo ele descarta a possibilidade de tratar desse “abismo (abyrne)” de forma definitiva. Daí a necessidade de agrupar as heresias em dois grupos: o primeiro, dos Anabatistas, que tem muitas doutrinas errôneas, porém são mais simples e crentes na Bíblia; e o segundo, dos libertinos ditos espirituais, de natureza perversa, complexa e fantasiosa. Ele acaba dedicando o tratado de 1444 ao primeiro grupo e o de 1445, ao segundo. Cf. CALVIN, J. *Brieve instruction pour armer tous bons fideles contre les erreurs de la secte commune des Anabaptistes*, 1444. In *Opera quae supersunt omnia*, p.53.

⁹⁶ Cf. CALVIN, J. *Contre la secte phantastique et furieuse des Libertins qui se nomment spirituelz*, 1545. in *Ibidem*, p.153 passim.

⁹⁷ “Premièrement, il y a ce qu’on commun tous les libertines, de se jouer de l’Écriture sainte, la transfigurant à son plaisir par folles allegories, qui n’est autre chose qui falsifier le sens naturel d’icelle. Suivant cela, il forme des reveries innumérables, et puis déguise imprudemment l’Écriture, pour la faire servir à tout ce qu’il a songé”. Idem. *Contre un Franciscan, sectateur des erreurs des libertins*. Genève, 20 août 1547. in *Œuvres françoises de Jean Calvin recueillis pour la première fois, precedes de sa vie par Théodore de Bèze et d’une notice bibliografique par P. L. Jacob*, p.294.

divergência teológica. É consenso entre os historiadores que tanto a libertinagem quanto as denúncias de ateísmo, no século XVI, somente podem ser percebidas pela ótica da cisão religiosa. É essa ruptura que teria conduzido à emergência de discursos que provavelmente, até então, existiam nos subterrâneos na sociedade europeia.⁹⁸

No começo do século XVII, O Padre Garasse identificou a libertinagem como um dos problemas resultantes do ateísmo. Usando da mesma estratégia de Calvino, propôs-se uma aproximação cautelosa do tema, à contragosto, alegando uma grande necessidade e uma obrigação pública de esclarecer alguns pontos. Para P. Garasse, tudo decorria da corrupção de seu século, marcado pelo luxo e sua influência no enfraquecimento moral dos homens, conduzindo-os ao vício e à libertinagem. Os libertinos, essa espécie de ateus epicuristas, que tomavam o ventre pelo coração e sentiam os prazeres no corpo, eram hipócritas e ímpios.⁹⁹

Fixado o debate em torno da ideia da descrença, da cisão religiosa, da razão que se opõe à fé, Calvino e Padre Garasse compuseram a tópica da libertinagem pela noção de dissimulação dos pensamentos — em ambos traduzida pela ideia de hipocrisia —, pela descrença no sobrenatural e a valorização dos prazeres e excessos terrenos, pelo uso equivocado da razão etc. Embora se atacassem em outros momentos, ambos viam que os inimigos libertinos eram de outra natureza, portadores de astúcia e capazes de perverter as Escrituras de uma forma específica, o que os conduzia a não se identificarem nem com os católicos

⁹⁸ Cf. TENENTI, A. Milieu XVI^e siècle, début XVII^e siècle, libertinisme et hérésie, *Annales Économies, Sociétés, Civilisations*, p.01-19; MARCHAL-ALBERT, L. Le glaive de la parole, *Contextes*; TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII^e siècle*, p. I-II.

⁹⁹ Cf. GARASSUS, P. F. *La somme theologique des veritez capitales de la religion chrestienne*, tome I, p.6 passim.

nem com os calvinistas. Chegavam mesmo à descrença,¹⁰⁰ embora, como afirma Febvre, isso não resultasse no mesmo sentido que teria dois séculos depois.¹⁰¹

De todo modo, o resultado é a composição de uma identidade segundo um olhar externo e pautado por uma lógica de crítica e oposição. Isso ajuda-nos a entender certos traços das análises de René Pintard e Antoine Adam. Em ambos, principalmente em Pintard, o círculo dos libertinos eruditos, composto por La Mothe Le Vayer, Pierre Gassendi, Gabriel Naudé e outros, manteve um caráter dúbio quanto a suas posições políticas e filosóficas, já que aspiravam à liberdade basicamente num exercício interior, o lhes permitia um posicionamento conservador e obediente ao rei diante do grande público e, dentro de seu círculo, uma postura crítica e independente.¹⁰² Mesmo que isso não deixe de constituir uma ética, esse caráter tendeu a ser visto também como um registro de hipocrisia que cabia a esses livres pensadores e, somente pode ser compreendido a partir de uma dinâmica que contemple, no processo de conformação da libertinagem, os conflitos políticos e religiosos que dividiam a França nos séculos XVI e XVII.

Se no século XVII, com Luís XIV, a França já havia consolidado o poder político e ultrapassado as guerras religiosas, na primeira metade do século, o debate apresentava-se de outra maneira. Desde a proclamação do Édito de Nantes, a tensão vinha sendo uma força crescente na região, já que o tratado de 1598 estabelecia relações de coexistência das duas religiões no reino, sem necessariamente produzir uma prática ou legalidade do sistema de tolerância. Para Garrison, 1598 produziu um efeito amplo na medida em que apresentou soluções

¹⁰⁰ Segundo P. Garasse, havia cinco espécies de ateísmo, dentre as quais a libertinagem ocupava a segunda posição. Cf. GARASSUS, P. F. *La somme theologique des veritez capitales de la religion chrestienne*, tome I, p.44.

¹⁰¹ Cf. FEBVRE, L. *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle*.

¹⁰² Cf. ADAM, Antoine. *Les libertins au XVII^e siècle*, p.07-31 ; PINTARD, R. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*.

mais permanentes aos conflitos vivenciados pela sociedade francesa desde a noite de São Bartolomeu, em 1572. Contudo, o édito não pacificou a sociedade, já que apenas criou contradições internas pela coexistência de núcleos protestantes na França.¹⁰³

A sociabilidade calvinista, principalmente depois de 1572, pautou-se pela construção de núcleos comunitários dentro dos quais os indivíduos estavam livres para o exercício de sua crença. Essas organizações constituíram-se como centros políticos, por estabelecerem assembleias para a discussão dos problemas específicos da vida ordinária. O resultado, principalmente a partir do Édito de Nantes, foi a legitimação, ainda que sob constante vigilância e ameaça, de um poder reformado dentro de regiões da França, o que preocupava o Parlamento localizado em Paris. Embora não houvesse um conflito constante e aberto, a partir de 1598, a vigilância do poder central em Paris fazia-se sentir pelo controle das assembleias e congressos.

Nas décadas de 1610 e 1620, Luís XIII teve que percorrer o sul da França, com atenção especial a vilas como Montauban, Montpellier, Aix, Marseille, La Rochelle e outras que resistiam por motivos religiosos ao poder real. O exercício da força bélica e a submissão dos súditos pela demonstração simbólica do poder foram práticas constantes para reforçar a vitória real sob as dissidências. Assim, foram constantes tanto as entradas triunfantes do monarca, quanto a circulação de poemas e panfletos anunciando a misericórdia do monarca ao perdoar os

¹⁰³ Cf. GARISSON, J. *L'Édit de Nantes et sa révocation*, 13 et seq.

súditos.¹⁰⁴ Em um panfleto de 1622, intitulado *L'enfer de l'avocat de Montauban*, as disputas no reino eram apresentadas de forma mítica e os libertinos, um grupo a quem o rei deveria iluminar.¹⁰⁵ A libertinagem, desse modo, ainda se apresentava mais explicitamente em divergência ao poder central, o que, a partir de 1643, com a ascensão de Luís XIV, constituiria exceção.

A partir de Luís XIV, a libertinagem seria vista na periferia do poder, em conformidade com a posição era-lhes possível ocupar, já que a consolidação do poder político absolutista fez-se acompanhar do esvaziamento da esfera pública, sob o domínio do monarca, e a manutenção de espaços de liberdade nos espaços privados.¹⁰⁶ Entretanto, a constituição de complexo sistema de sociabilidade na corte permitiu que os conflitos e dissidências não fossem nem completamente apagados nem excluídos da esfera pública, como demonstrou Molière em *Le Tartuffe*, em 1664. Na verdade, a prática de negociação e a sociabilidade galante atrelaram-se num jogo que, durante o século XVIII, pareceu moldar o discurso libertino por uma ideia de superficialidade, que, em diversos momentos, não encontra suporte. Parece-nos que atrelada à lógica nobiliária e à estrutura social marcada pela honra, a libertinagem pressupôs, na medida em que se constituía a centralidade do poder francês, um jogo em que os costumes eram postos à prova pelo exercício das paixões e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de discursar publicamente, desde que com a cautela do dizer e com a palavra dita como um Tartuffe (ou um hipócrita).

¹⁰⁴ Canova-Green discute as entradas triunfantes de Luís XIII nas cidades do sudeste francês, nesse período, e como o aspecto simbólico foi importante para submeter os revoltosos. Cf. CANOVA-GREEN, M.-C. *Revolte et imaginaire: le Voyage de Louis XIII en Provence (1622), XII^e siècle*, p.429-439. Sandberg se detém sobre os discursos dos súditos, mostrando as estratégias de católicos e calvinistas para discordarem do rei sem incorrer em crime. Cf. SANDBERG, B. "Se couvrant toujours... du nom du Roi", *perceptions nobiliaires de la revolte dans le sud-ouest de la France, 1610-1635, Histoire, économie et société*, p.423-440.

¹⁰⁵ Cf. *L'ENFER de l'avocat de Montauban*, 1622, p.5-6.

¹⁰⁶ Cf. KOSELLECK, R. *Crítica e crise*.

O esvaziamento do sentido político e filosófico da enunciação libertina, durante o século XVIII e, principalmente, no decorrer do século seguinte, poderia ser visto a partir da compreensão da própria plasticidade dessa ética (um *savoir-vivre*, segundo Michel Delon) em que a honra e a vida nobiliária, as disputas políticas, os debates filosóficos (tantas vezes acusados de ceticismo) e a defesa de uma vida terrena misturavam-se, comportando uma diversidade de opiniões e posturas sociais.¹⁰⁷ Porém, entendemos que não se restringe a isso, devendo ser explicado também pela imagem negativa que a Revolução criaria da corte e do Antigo Regime, bem como da própria ação dos intelectuais, principalmente críticos e historiadores da literatura francesa, que no século XIX, refizeram a enunciação libertina a partir de um contraponto à cultura clássica.

Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, alguns intelectuais, como Pierre-Antoine Brun, François Tommy Perrens e Frédéric Lachèvre, cunharam os instrumentos conceituais que, de certa forma, se mantiveram como referência para a análise de um conjunto de pensadores modernos, dentre os quais Cyrano de Bergerac, Gabriel Naudé, La Mothe de la Vayer, Charles Sorel e outros.¹⁰⁸ A categoria de libertinagem foi constituída por esses textos em contraponto à literatura clássica, que era tida como padrão de escritura, linguagem e modelo moral de obediência cívica ao poder soberano. Nesse sentido, articulando-se em oposição à imagem do Grande Século (*Grand Siècle*),¹⁰⁹ posto como marco do poder político e da grandiosidade francesas, a libertinagem e o libertino mostravam-se como o aspecto obscuro da sociedade

¹⁰⁷ Cf. DELON, M. *Le savoir-vivre libertin*.

¹⁰⁸ Em 1943, René Pintard publicou *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle* (reeditado em 1983, pela editora Slaktine). Seu texto foi incorporado de tal maneira a essa tradição de pesquisa, que acabou por constituir junto com os escritos de Antoine Adam (publicados posteriormente, na década de 1980) as leituras iniciais das pesquisas sobre libertinagem.

¹⁰⁹ Referência ao século XVII, que correspondeu a um período de prosperidade econômica, política e cultural. Após o fim das guerras religiosas e, principalmente, com a ascensão de Luis XIV em 1643, a França acabou se constituindo como modelo de civilização para a Europa.

francesa, sendo-lhe mesmo uma anedota ou um traço grotesco ao gosto romântico.¹¹⁰

Um balanço final do processo de constituição da libertinagem revela, assim, que, por um lado, tendeu-se historicamente a destacar os sentidos da libertinagem segundo os ditames morais negativos estabelecidos pela crítica do século XVI. Por outro, a constituição da libertinagem como uma ética de vida, acabou por conduzir, na palavra ordinária, ao esvaziamento dos sentidos políticos e filosóficos próprios ao enunciado. Nos dois casos, os laços estreitos entre a sociabilidade do Antigo Regime com o enunciado levam-nos a concluir que, após o fim das estruturas sociais estamentais e ancoradas no valor de honra, dificilmente pode-se pensar a libertinagem senão no sentido vulgar e cotidiano que as massas lhe deram a partir do século XVIII.

¹¹⁰ Cf. CAVAILLÉ, J.-P. Pourquoi les libertines ne sont pas classiques: réflexion critique sur la naissance d'une catégorie historiographique à partir des ouvrages de Pierre Brun, *XVII^e siècle*, p.381-97; Idem. Les libertins l'envers du Grand Siècle, *Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, p.11-37.